



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 296 - Agosto 2026



Ecos da voz divina



Reprodução

Filhos, servos e escravos de Maria

Alguns religiosos pediram ao Pe. Maximiliano um plano semanal de natureza espiritual para proceder como escravos da Imaculada. Ele lhes respondeu amavelmente, reiterando sempre a mesma verdade:

“Todo programa tem certamente seus limites; mas o plano que me pedis não os deve ter.

“Procuraremos ser filhos, servos e escravos, e todo, todo, todo de Maria. Em uma palavra: d’Ela sob todo ponto de vista, e cada vez mais d’Ela. Como conseguir isso?

“Recordaremos que a essência da entrega e da consagração total não é o sentimento nem a memória, mas sim a vontade. Portanto, se alguém não sente a doçura de estar com Ela – parece-me que isto não acontece ordinariamente – e nem

sequer se recorda d’Ela ou pensa n’Ela, mas não anula sua doação pessoal, se a renova, fique tranquilo, porque Ela reina em seu coração. Podemos controlar facilmente a vontade; por isso devemos procurar que esta se conforme à vontade d’Ela e a cumpra sempre do modo mais perfeito.

“Isso é tudo...

“Para saber como dependemos d’Ela, como um menino, é preciso lançar-se aos seus joelhos, como as crianças aos de sua própria mãe.

“Que o espírito da Imaculada seja cada vez mais profundo”.

RICCIARDI, OFM Conv, Antonio,
Un hombre fuera de serie. 2.ed.
Madrid: Testimonio, 2008, p.178

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXV, nº 296, Agosto 2026

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 330,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 28,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Penteadó de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
A face de Deus	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
Luzes sempre novas	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
Ele jamais nos despedirá	8
Jesus também nos lança à tormenta!	9
Quem segue a Maria nunca será esquecido	10
"Tu es Petrus"	11
O segredo do amor e a semente da eternidade	12
➔ EXEMPLOS QUE ARRASTAM	
No corpo, livre pelo milagre; na alma, pela escravidão	13
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Tribuna do profetismo	14
➔ TEMA DO MÊS – O DOM DE PROFETISMO	
Eco perpétuo da voz de Deus	18
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
O filão eliático – Maria eternizada na História	22
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
Guardai-vos dos falsos profetas!	24
➔ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
Profeta Isaías – O profeta messiânico	26
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Participação dos leigos no múnus profético de Cristo	29
➔ ESPLENDORES DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ	
Heráldica – O sapo, o leão e a Cruz... ..	30
➔ DONA LUCILIA	
Entretidas leituras com Dona Lucilia.	32
➔ VIDA DOS SANTOS	
Santo Agostinho de Hipona – Grande no pensamento, grande na santidade	34
➔ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Como tirar proveito das próprias faltas? – Guerra dos homens, descanso de Deus	38
As aparições em Cimbres – Um maternal aviso	42
➔ VOCÊ SABIA... ..	45
➔ ARAUTOS NO MUNDO	46
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Heróis, de verdade	50



Francisco Lecaros

8 No deserto de Betsaida,
exemplo de civilização cristã



Reprodução

22 Corrente profética e marial
que atravessa os séculos



João Paulo Rodrigues

24 Como discernir um falso
profeta?



Reprodução

38 Haverá algum meio de apro-
veitarmos nossas quedas?

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Se a Revelação pública se encerrou com a morte do último Apóstolo e tudo o que precisamos para a salvação está na Bíblia e na Tradição, qual é o sentido das aparições marianas? Elas podem trazer algo de novo?

Alejandro Ramírez – Barcelona (Espanha)

Quem ama não se contenta em oferecer apenas o necessário, o indispensável; dá em superabundância, até de sobra. Um pai ou uma mãe que ama o filho não lhe provê apenas de alimentos indispensáveis para a subsistência, mas, na medida de suas possibilidades, providencia também bebidas refrescantes, doces saborosos, enfim, comidas agradáveis. Não basta que o filho sobreviva, mas convém que ele viva feliz, envolvido no carinho de seus pais, que se manifestará em todos os detalhes da existência, inclusive numa deleitosa e benfazeja alimentação. Por quê? Simplesmente por amor.

Ora, como afirmou de modo inigualável o Apóstolo João, “Deus é amor” (I Jo 4, 16). E, apesar de nos ter concedido todo o necessário pela Encarnação do Verbo e sua Revelação – da qual o Magistério da Igreja é o fiel intérprete –, Ele, o “Primeiro e o Último” (Ap 1, 17), quis nos acompanhar ao longo da História com certas manifestações de carinho, de modo muito especial através das aparições de Maria Santíssima. Seriam elas estritamente necessárias? Não, mas... quanto nossa Fé perderia sem elas!

O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que “embora a Revelação esteja terminada, não está explicitada por completo” (CCE 66). E a Igreja sempre tirará de seu tesouro – o depósito da Fé (cf. I Tm 6, 20) – “coisas novas e velhas” (Mt 13, 52).

A Imaculada Conceição de Nossa Senhora, por exemplo, já estava presente de modo implícito no depósito da Fé e houve católicos que não a aceitavam até o dogma ser proclamado. No entanto, após o dia 8 de dezembro de 1854, quando o Papa Pio IX proclamou dogmaticamente a Conceição Imaculada da Virgem Maria, todos precisam

dar total adesão a essa verdade, levada à sua plenitude tão somente no século XIX.

Ademais, a Santa Igreja ensina que “no decurso dos séculos houve revelações denominadas ‘privadas’, e algumas delas têm sido reconhecidas pela autoridade da Igreja. Elas não pertencem, contudo, ao depósito da Fé. A função delas não é ‘melhorar’ ou ‘completar’ a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a viver dela com mais plenitude em determinada época da História. Guiado pelo Magistério da Igreja, o senso dos fiéis sabe discernir e acolher o que nessas revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou dos seus Santos à Igreja” (CCE 67).

As mariofanias – manifestações de Nossa Senhora – não constituem, por óbvio, uma “nova revelação” que suplantaria a Revelação de Cristo, mas um modo renovado de o Espírito Santo conduzir os fiéis de todas as eras à plenitude da verdade, a fim de que “o entendimento da Revelação se torne sempre mais profundo” (Concílio Vaticano II. *Dei verbum*, n.5).

Assim, as aparições marianas ao longo da História têm servido para guiar os fiéis nas lutas que enfrentam, servem de consolação nas durezas da vida e dão rumo para os filhos da luz de todas as épocas. Para mencionar só as mais recentes, quanto aprendemos com as manifestações de Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré na Rue du Bac, a Santa Bernadette em Lourdes e aos pastorinhos em Fátima!

Seriam supérfluas essas aparições? Bem poderíamos responder com os franceses: “O supérfluo: esta coisa tão necessária!...” ✦



A FACE DE DEUS

No hebraico do Antigo Testamento, um dos termos para profeta – *hozeh* – indica *aquele que vê*; o grego *prophetes* significa *aquele que fala*. Mas o que, de fato, os profetas *veem e falam*? Moisés é o melhor exemplo para responder a essa indagação, pois “jamais surgiu em Israel profeta semelhante a Moisés, a quem o Senhor conhecia face a face” (Dt 34, 10). Embora o santo libertador dos israelitas fosse incapaz de intuir a essência divina – caso contrário, morreria (cf. Ex 33, 20) –, o “Senhor falava com Moisés face a face, como quem fala com o seu amigo” (Ex 33, 11).

Mesmo sem contemplar a Deus tal como Ele é – exceto “de costas” (Ex 33, 23) –, Moisés era profundamente conhecido pelo Criador. Mesmo tendo “a língua pesada” (Ex 4, 10), foi investido para orientar o povo, pois o Senhor falava através dele. Percebe-se aqui uma misteriosa conaturalidade entre Aquele que é (cf. Ex 3, 14) e o profeta; intimidade que o Altíssimo promete a seu escolhido: “A minha face caminhará contigo” (Ex 33, 14).

Nesse entranhado vínculo, o profeta se torna arauto da voz divina e reflexo da “Luz inacessível” (I Tm 6, 16); em suma, o próprio rosto de Deus na terra. Elias surgiu “como um fogo” e “suas palavras ardiam como um facho” porque foi “com a palavra do Senhor [que] fechou o céu e fez cair fogo do mesmo céu por três vezes” (Eccl 48, 1.3). De forma análoga, quando o Senhor ordenou Oseias a tocar a trombeta (cf. Os 8, 1), Ele concretizou, através do profeta, o urgente alerta ao povo.

Não é por acaso que as multidões reconheciam Jesus, o Verbo Encarnado, não só como um profeta (cf. Mt 21, 46), mas como o “grande profeta” (Lc 7, 16). Outros O identificavam com João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas (cf. Mt 16, 14). No entanto, ao serem os Apóstolos indagados sobre sua identidade, Pedro, inspirado, declarou: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16, 16).

No testemunho do primeiro Papa havia algo de profético, pois Nosso Senhor afirma que a sua profissão de fé não vinha da carne e do sangue, mas do próprio “Pai que está nos Céus” (Mt 16, 17). Com a constituição da Igreja, o profetismo então ingressa na Nova Aliança, “porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (Jo 1, 17).

A partir de então, todo batizado participa da missão profética de Cristo (cf. CCE 1268). Já os Atos dos Apóstolos atestam uma profusão de ações proféticas, desde as quatro filhas de Filipe, “que profetizavam” (21, 9), até os discípulos, os quais agiam “movidos pelo Espírito Santo” (21, 4) e em plena harmonia com Ele: “O Espírito Santo e nós decidimos...” (15, 28).

Ora, as manifestações proféticas não se encerraram na era apostólica; elas permanecem sempre vivas na Igreja, de forma especial nas aparições marianas. Nestas a Rainha dos Profetas não só *vê* e *é vista* por seus filhos, e com eles *fala*, mas, além disso, *atua* junto a seu Divino Filho no curso da História, ao cooperar para a salvação deles. Eis a face de Deus que continua a caminhar com a humanidade... ✦



Os profetas -
Catedral de
Orvieto (Itália)

Foto: Francisco Lecaros



Luzes sempre novas

Não é raro que nos momentos mais críticos, assim como uma rajada de vento rompe as nuvens e deixa ver a estrela que guiará o navegante ao porto, o Senhor envie a inspiração sobrenatural que pode fazer de uma alma a salvação de seu povo.

MISSÃO COM ALCANCE HISTÓRICO

A Igreja, presente no mundo como sinal de unidade para toda a família humana, reconhece nas interrogações e nos desafios do tempo atual o lugar onde deve exercer a própria vocação à escuta, ao diálogo e ao serviço, deixando-se interpelar por tudo o que diz respeito à existência dos homens e das mulheres de hoje.

Esta interligação vital com os povos faz-lhe compreender cada vez mais que a sua missão tem um alcance histórico e implica responsabilidade no que diz respeito à maneira como se tecem as relações sociais. Por isso, não pode considerar-se alheia às dinâmicas que moldam o rosto da sociedade. Pelo contrário, participa com dedicação nos percursos através dos quais a própria sociedade cresce e se organiza, e oferece o seu contributo.

LEÃO XIV.

Magnifica humanitas, 15/5/2026

OS AUTÊNTICOS REFORMADORES

Olhemos para a História do Cristianismo, para ver como se desenvolve uma história e como ela pode ser renovada. Nela podemos ver que os Santos, guiados pela luz de Deus, são os autênticos reformadores da vida da Igreja e da sociedade. Mestres com a palavra e testemunhas com o exemplo, eles sabem promover uma renovação eclesial estável e profunda, por-

que eles mesmos são profundamente renovados, estão em contato com a verdadeira novidade: a presença de Deus no mundo.

Esta realidade consoladora, ou seja, que em cada geração nascem Santos e trazem a criatividade da renovação, acompanha constantemente a História da Igreja no meio das tristezas e dos aspectos negativos do seu caminho. Com efeito, século após século vemos nascer também as forças da reforma e da renovação, porque a novidade de Deus é inexorável e dá sempre nova força para ir em frente.

BENTO XVI.

Audiência geral, 13/1/2010

O ESPÍRITO SANTO GUIA A IGREJA POR MEIO DE SEUS ELEITOS

Ao longo do decurso da História, o Senhor continua a revelar-Se aos pequeninos e aos humildes, habilitando os seus eleitos, por meio do Espírito, o qual “tudo penetra até às profundezas de Deus” (I Cor 2, 10), a falarem das graças “que Deus nos concedeu, não com palavras doutas, de sabedoria humana, mas com aquelas que o Espírito ensina e que exprimem as coisas espirituais” (I Cor 2, 12-13).

Deste modo o Espírito Santo guia a Igreja para a verdade inteira, provê-a de diversos dons, enriquece-a com os seus frutos, rejuvenesce-a com a força do Evangelho e torna-a capaz de perscrutar

tar os sinais dos tempos, para responder sempre melhor à vontade de Deus.

SÃO JOÃO PAULO II.

Divini amoris scientia, 19/10/1997

O EXEMPLO DOS QUE NOS PRECEDERAM

Não é raro que nos momentos mais críticos, assim como uma rajada de vento rompe as nuvens e deixa ver a estrela que guiará o navegante ao porto, o Senhor envie a inspiração sobrenatural que pode fazer de uma alma a salvação de seu povo.

Elevai, pois, o olhar, filhos bem-amados, [...] e considerai os grandes exemplos que vos precederam.

PIO XII.

Radiomensagem, 25/6/1956

DOIS FUNDADORES QUE DISCERNIRAM OS “SINAIS DOS TEMPOS”

Assim aconteceu também no século XIII, com o nascimento e o desenvolvimento extraordinário das Ordens Mendicantes: um modelo de grande renovação numa nova época histórica. [...]

Das Ordens Mendicantes que surgiram naquele período, as mais famosas e as mais importantes são os Frades Menores e os Padres Pregadores, conhecidos como franciscanos e dominicanos. Eles foram chamados assim pelo nome dos seus fundadores, respectivamente Francisco de Assis e Domingos de Gusmão.

Estes dois grandes Santos tiveram a capacidade de ler com inteligência “os sinais dos tempos”, intuindo os desafios que a Igreja do seu tempo devia enfrentar.

BENTO XVI.
Audiência geral,
13/1/2010

AUXÍLIO CONFORME AS VICISSITUDES DO TEMPO

Rico em misericórdia, Deus nunca faltou à sua Igreja que milita neste mundo, mas, segundo as várias vicissitudes das coisas e dos tempos, lhe fornece sapiencialmente os auxílios oportunos. Enquanto, no século XVI, visitava com a vara de seu furor as nações cristãs e permitia que muitas províncias da Europa fossem imersas nas trevas da heresia que amplamente se expandiam, não querendo apartar de Si o seu povo, Ele suscitou providencialmente novos luzeiros de homens santos, para que, iluminados pelo esplendor destes, os filhos da Igreja fossem confirmados na verdade e os próprios prevaricadores reconduzidos com suavidade ao amor divino.

Francisco de Sales, Bispo de Genebra, modelo de inclita santidade e mestre da verdadeira e pia doutrina, foi do número desses ilustríssimos homens: ele – não só com a voz, mas também com escritos imortais – feriu o monstro dos erros nascentes, consolidou a Fé, abateu os vícios, reformou os costumes e a todos indicou a via que conduz ao Céu.

BEATO PIO IX.
Dives in misericordia, 16/11/1877

MODELO DE FORÇA EM MEIO ÀS PROVAS

Escolhida por Deus, uma consciência inabalável de sua missão e um



Deus nunca faltou à sua Igreja que milita neste mundo, mas, segundo as várias vicissitudes das coisas e dos tempos, lhe fornece sapiencialmente os auxílios oportunos

O Papa Inocêncio III sonha com São Francisco de Assis sustentando a Igreja, por Giotto di Bondone - Basílica dedicada ao “Poverello” em Assis (Itália)

ardente desejo de santidade alimentado pela vontade de melhor corresponder à sua altíssima vocação levaram [Santa Joana d’Arc] a superar obstáculos, ignorar perigos, enfrentar os grandes do mundo, envolver-se nos problemas internacionais da época e se transformar numa capitã coberta de ferro, para partir, terrível, ao assalto. [...]

Vida longa ou breve, triunfo ou catástrofe aparente, solidez da pedra ou fragilidade de uma pobre donzela mortal: pouco importa! Se existe uma verdade imutável, uma Fé que não pode passar, o amor de uma pátria imortal, o anseio por uma paz que é exigência natural do coração humano; é a sede de uma justiça que necessariamente importará na hora marcada pela História, na hora da reconstrução, da reabilitação e da ressurreição. Trata-se de uma lei necessária, que une sempre o sacrifício ao triunfo, a humilhação à glória, o mistério do Calvário à aurora luminosa da Ressurreição.

Feliz o povo que se lembra disso, para enfrentar, se preciso for, o julgamento dos homens, como Joana soube fazer com uma constância admirável e uma inalterável serenidade; para não recusar o sacrifício, que ela viu chegar sem temer ninguém e com uma energia maravilhosa; para ser sempre fiel à sua vocação, especialmente nos momentos mais difíceis. Joana d’Arc apresenta-se assim aos cristãos do nosso tempo como um modelo de sólida fé operante, de docilidade a uma altíssima missão, de força em meio às provas.

PIO XII.
Radiomensagem,
25/6/1956

MESTRA PARA O NOSSO TEMPO

Entre os pequeninos, aos quais foram manifestados de uma maneira muito especial os segredos do Reino, resplandece Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. [...]

Quaisquer que sejam as variações, que se possam constatar no curso da História e não obstante as repercussões que elas costumam ter na vida e no pensamento das pessoas de cada época, não devemos perder de vista a continuidade que une entre si os Doutores da Igreja: eles continuam, em qualquer contexto histórico, testemunhas do Evangelho que não muda e, com a luz e a força que lhes vêm do Espírito, tornam-se seus mensageiros voltando a anunciá-lo na sua pureza aos contemporâneos.

Teresa é mestra para o nosso tempo, sedento de palavras vivas e essenciais, de testemunhos heroicos e críveis.

SÃO JOÃO PAULO II.
Divini amoris scientia, 19/10/1997



2 de agosto – XVIII Domingo do Tempo Comum

(Is 55, 1-3; Sl 144; Rm 8, 35.37-39; Mt 14, 13-21)

Ele jamais nos despedirá



✠ Pe. Santiago Ignacio Morazzani Arráiz, EP

Neste Evangelho o que mais impressiona, evidentemente, é o milagre da multiplicação dos pães. No entanto, outras maravilhas podem ser contempladas nas palavras e gestos de Nosso Senhor

Desejando oferecer repouso aos discípulos, Nosso Senhor navega pelo Mar da Galileia, dirigindo-Se com eles a um lugar deserto, próximo à cidade de Betsaida Júlias. Mas a multidão não lhes permitirá descanso: partindo de Cafarnaum e localidades vizinhas, percorre em pouco tempo uma distância de aproximadamente dez quilômetros e chega antes deles. Quando Jesus desembarca, está cercado.¹

O que faz Ele? “Encheu-Se de compaixão” e “curou os que estavam doentes” (Mt 14, 14). Se recordamos que eram “mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças” (Mt 14, 21), podemos imaginar a animação que fervia naqueles momentos: enfermos carregados por familiares, súpticas em alta voz, gritos de júbilo após as curas, emoção, lágrimas, braços erguidos ao céu...

Entretanto, caía a tarde. Em meio à intensa movimentação, o cansaço dos Apóstolos deve ter atingido os limites do esgotamento, e talvez por isso disseram a Jesus: “Este lugar é deserto” – julgavam que Ele não o havia notado? – “e a hora já está adiantada” – imaginavam que Ele tivesse perdido o senso dos horários? – “Despede as multidões, para que possamos ir aos povoados comprar comida” (Mt 14, 15).

O que terão pensado da resposta? Não esqueçamos que esta foi a *primeira* multiplicação dos pães. Ninguém podia imaginar a solução que o Mestre daria para o caso: “Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16). Quão bela, nobre e carinhosa atitude! Meditemos sobre essas palavras do Salvador.

Desde tempos imemoriais mantém-se certo costume social, que rege o procedimento das pessoas ao fazer visita ou recebê-la: os anfitriões jamais incentivam a partida dos visitantes, pois é o convidado quem toma a iniciativa de se retirar. Educação e polidez? Sim, mas sobretudo prática da caridade. O dono da residência se encontra numa situação que faz lembrar a Deus, ao qual todos acorrem para serem beneficiados, como afirma o Salmo deste domingo: “Sua ternura abraça toda criatura. [...] Todos os olhos, ó Senhor, em Vós esperam, e Vós lhes dais no tempo certo o alimento” (144, 9.15).

Quando nasceu tal costume? Provavelmente jamais se saberá, mas podemos conjecturar que foi ali, no deserto de Betsaida: o Divino Anfitrião não quis despedir as visitas, mas reteve-as junto a Si, preparando-lhes uma nova manifestação de sua ternura. O próprio Cristo dava um dos primeiros exemplos de civilização... cristã.

Desta passagem do Evangelho podemos então guardar:

– Uma convicção: Nosso Senhor jamais nos despedirá nem rejeitará os nossos pedidos. O Sagrado Coração palpita de compaixão por nós e nos dará auxílio em superabundância, à maneira do pão multiplicado, do qual sobraram “doze cestos cheios” (Mt 14, 20).

– Um propósito: procuremos Jesus com toda a confiança! Ele espera nossa visita, não apenas na Comunhão sacramental, mas também no ostensório ou no sacrário, de onde nos inundará com a efusão de sua misericórdia. Ele nos aguarda no confessional, para “curar os que estão doentes”, limpando nossas almas de toda a miséria do pecado.

Junto a Ele Se encontra Maria Santíssima, celeste anfitriã, por cujas mãos maternas sempre chegará até nós a torrente inesgotável da graça e do perdão. ✠

“Alimentando os cinco mil”,
por Marten van Valckenborch -
Museu de História da Arte, Viena



¹ Cf. TUYA, OP, Manuel de. *Bíblia comentada. Evangelhos*. Madrid: BAC, 1964, v.V, p.337-338.

Jesus também nos lança à tormenta!



Pe. Rodrigo Fugiyama Nunes, EP

A ideia de que Deus nos salva nas tempestades da vida é muito bela, bastante corrente e inteiramente real. Mas é muito menos comum considerar a bondade divina nos tirando da calmaria e nos lançando no meio das tormentas, com o risco de afundarmos...

Logo após multiplicar os pães para uma enorme multidão, “Jesus mandou que os discípulos entrassem na barca e seguissem, à sua frente, para o outro lado do mar” (Mt 14, 22). Como Deus, Ele havia disposto, desde toda a eternidade, o que viria a acontecer: “A barca, porém, já longe da terra, era agitada pelas ondas, pois o vento era contrário” (Mt 14, 24).

As tempestades no Mar da Galileia são muito fortes pois, estando aquelas águas a mais de duzentos metros abaixo do nível do mar, recebem os duros ventos oriundos do Mediterrâneo, causando ondas superiores a dois metros de altura. Apesar de conduzida por experientes pescadores, a barca dos Apóstolos era muito vulnerável – como todas as do tempo – e a angústia deles devia ser imensa.

E Nosso Senhor? Para intervir, espera a “quarta vigília da noite” (Mt 14, 25), período entre três e seis horas da madrugada, deixando os discípulos por longo tempo na tribulação.

A cena possui um drama intenso e sublime: obedecendo ao Mestre, encontram terrível tempestade; esperam quase toda a noite, sem qualquer alívio; até que, em vez de acalmar a tempestade, Jesus vai até os discípulos “andando sobre o mar” (Mt 14, 25). Eles não O reconhecem, pensam que

é um fantasma e começam a gritar de medo. Tudo vai de mal a pior...

Afinal, o Bom Pastor Se revela: “Coragem! Sou Eu. Não tenhais medo!” (Mt 14, 27). Chamado pelo Senhor, Pedro anda sobre as águas, mas... quando sente o vento, fica com medo e começa a afundar. É segurado pela mão, repreendido pela falta de fé e, por fim, acompanha Nosso Senhor ao barco. Só então, ao entrar, o vento se acalma. E “os que estavam no barco, prostraram-se diante d’Ele, dizendo: ‘Verdadeiramente, Tu és o Filho de Deus!’” (Mt 14, 33).

Uma das lições que se pode tirar deste Evangelho é que todo discípulo de Nosso Senhor – ou seja, todo batizado – encontrar-se-á um dia em meio a grande tempestade, sem qualquer culpa própria, mas por obediência à voz de Jesus! Nesse cenário, desconhecemos o que está a acontecer, tudo parece piorar, o Céu se afigura fechado e sentimos que vamos afundar. Eis, literalmente, a noite escura...

Por que Deus permite isso?

Para nos fazer crescer no amor, na confiança e na fé. No amor, porque nosso orgulho é completamente quebrado. Na confiança, pois na tormenta podemos estar certos da proteção divina e, mesmo se estivermos afundando como Pedro, seremos segurados pela mão; basta esperar! Na fé, por saber que, apesar das aparências contrárias, tudo está conduzido pela Providência.

Mas hoje podemos fazer algo que aos Apóstolos não era dado realizar então: entregar a barca de nossas vidas à Santíssima Virgem. Conduzidos por Ela, chegaremos incólumes ao porto do Céu! ✨



Jesus caminha sobre as águas - Coleção particular

Por obediência à voz do Mestre, os discípulos encontram uma terrível tempestade. Tudo vai de mal a pior... Por que Deus permite isso?

Quem segue a Maria nunca será esquecido

Pe. João Marcos Cardoso dos Santos, EP



Os seres humanos procuram ser conhecidos e lembrados. Basta mencionarmos os grandes monumentos funerários, as pinturas ou, em nossos dias, o desejo quase insaciável de “visualizações” nas redes sociais.

Geralmente, porém, guardam-se boas recordações das almas mansas, humildes e sacrificadas. Quem se lembra dos interesseiros e egoístas? Esta classe de almas pode, às vezes, ser recordada com horror e arrepio para, cedo ou tarde, ser relegada ao esquecimento.

O coração humano é feito para Deus. Por isso, só será lembrado quem d’Ele se aproximou, e na medida em que se aproximou.

Esconder-se do Criador e voltar-se à criatura. Eis a tendência da natureza humana após o pecado de nossos primeiros pais, a qual levou Deus, que tudo conhece, a perguntar a Adão: “Onde estás?” (Gn 3, 9). Tendência que, de certa forma, arrastou até os próprios anjos maus a fechar-se em si mesmos quando foram provados, pois, como ensina São Tomás de Aquino,¹ uma parte dos espíritos angélicos voltou-se para a consideração imediata das coisas, apoiados na própria inteligência, sem remontar ao Criador.

A Liturgia desta solenidade deixa clara a finalidade de todo homem: estar eternamente unido ao Senhor em corpo e alma. Para isso, tem a obrigação de aproximar-se cada vez mais d’Ele como fez a Santíssima Virgem. Somente dessa forma o desejo de ser lembrado, que todos possuem em graus diversos, será inteiramente saciado, em Deus.

Nossa Senhora proclama no Evangelho deste domingo: “Todas as gerações Me chamarão bem-aventurada” (Lc 1, 48b). Portanto, d’Ela se lembrarão porque o Todo-Poderoso “olhou para humildade de sua serva” (Lc 1, 48a).

Toda a grandeza de Maria tem origem em sua humildade, e é a própria humildade que A torna digna da Assunção. Subindo ao Céu em corpo e alma,

Ela Se apresenta como o primeiro e o mais glorioso fruto da Redenção, na “ordem determinada” (I Cor 15, 23a) por seu

Divino Filho, e também o exemplo do que acontecerá com “os que pertencem a Cristo” (I Cor 15, 23b) após o Juízo Final: triunfarão sobre a morte e serão lembrados por toda a eternidade.

Portanto, a eterna lembrança por parte de Deus e dos homens depende de estarmos próximos do Criador e abraçados aos seus Mandamentos.

Quantos esforços para fazer uma carreira e quão pouco cuidado na prática da virtude!... Quantas “visualizações” dos homens e quão pouca preocupação em considerar como Deus nos vê!...

Nossa Senhora quer nos fazer partícipes dos privilégios d’Ela, mas não podemos esquecer que só participaremos da glória da Assunção se mor-

remos em estado de graça, ainda que isso nos custe grandes sofrimentos. É a essa proximidade com Maria Santíssima que a Liturgia nos convida, desde que procuremos viver como Ela viveu. ✠



“Assunção”, por Pietro di Giovanni d’Ambrogio - Museu Cristão, Esztergom (Hungria)

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.58, a.6; a.7.

Ao subir ao Céu, Nossa Senhora ensina aos homens que, para serem lembrados, devem buscar a prática da virtude

“Tu es Petrus”

✠ Pe. Antonio Jakoš Ilija, EP



Moisés, o incomparável profeta, pastor incansável de Israel, infalível transmissor da Revelação divina e artífice da liturgia hebraica instituída por Deus, não possuía, contudo, o poder singular confiado ao Príncipe dos Apóstolos. Tampouco a Sinagoga recebeu a promessa de imortalidade concedida à Igreja Católica.

O pontificado, conferido a Pedro, está dotado de tal autoridade e de tantos dons que, talvez, ainda não tenham sido plenamente manifestados em toda a sua força de ministério, superando inclusive os milagres operados por Moisés. Enquanto este obtinha de Deus, pela oração, aquilo de que necessitava, Pedro age como quem, por assim dizer, “impõe” ao Altíssimo suas decisões, respaldado pelo poder das chaves que lhe foi concedido.

Trata-se de um privilégio exclusivo e de imensa responsabilidade para o Papa, garantia da permanência da Igreja e da validade dos Sacramentos para a salvação das almas. De fato, Santo Agostinho¹ ressalta que o Príncipe dos Apóstolos foi o único a merecer ouvir as palavras do Redentor: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.

Surpreendente o fato de o poder das chaves ter sido dado por Deus a Pedro para o bem da Igreja, e não concedido pela Igreja a Pedro e a seus legítimos sucessores, como bem descreve Cornélio a Lapide.² Sem dúvida, a Santa Igreja Católica precisou e continua a necessitar desta promessa de imortalidade, como atesta sua bimilenar e frequentemente conturbada História, marcada por uma sucessão de 266 Pontífices, incluindo 83 Papas santos – 31 deles mártires –, mas também, em contraste, outros 35 antipapas.³

Em certa ocasião, Dr. Plínio assim imaginava o início singelo de mais um dia do grande Pontífice São Pio X:

“Toda a Roma dorme. [...] O Papa se apronta e se dirige à capela, onde se preparará para o augusto sacrifício da Missa. Enquanto caminha em direção ao Senhor, renascem na sua alma as preocupações da véspera [...]. Antes de entrar no oratório, ele para e deita a vista através de uma das grandes janelas do Vaticano. À frente, os primeiros fulgores de sol osculam a imponente cúpula da Basílica de São Pedro. Na praça vazia, ergue-se o famoso obelisco que sempre nos faz lembrar do lema dos cartuxos: ‘A cruz está de pé, enquanto o orbe todo gira’. Das duas grandes fontes que ladeiam o obelisco, eleva-se o ruído harmonioso das águas a jorrarem e caírem nas suas bacias. A luz do dia começa a se refletir mais intensamente na cúpula. E o Pontífice pensa: ‘A Santa Igreja Católica Apostólica Romana! O Papado!’ E o seu Anjo da Guarda lhe sopra na alma: ‘Tu es Petrus!’”⁴

Ao longo de vinte séculos, desde o dia em que Nosso Senhor conferiu o Papado ao humilde pescador da Galileia, inúmeros amanheceres se sucederam sobre Pontífices que governam a Igreja, testemunhando a queda de incontáveis impérios e reis que juraram destruí-la. As portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, porque não prevalecerão contra Pedro. ✠



São Pedro, por Nardo di Cione - Galeria de Arte da Universidade de Yale, New Haven (Estados Unidos)

O pontificado, conferido a Pedro, está dotado de tal autoridade e de tantos dons que, talvez, ainda não tenham sido plenamente manifestados em toda a sua força de ministério

¹ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Sermo CCXCV*, n.2.

² Cf. CORNÉLIO A LAPIDE. *Commentaria in Matthæum*, c.XVI, n.19. In: *Commentaria in Scripturam Sacram*. Parisiis: Ludovicus Vivès, 1857, v.XV, p.370.

³ Há ligeiras discrepâncias nos números, segundo as fontes.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Esplendor áureo*. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano VIII. N.91 (out., 2005), p.42.

O segredo do amor e a semente da eternidade



Pe. José Roberto Polimeni, EP

O Divino Mestre questionou os Apóstolos sobre sua identidade, ao que Pedro prontamente respondeu: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16, 16). Jesus, então, o abençoou: “Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no Céu” (Mt 16, 17).

Em seguida Nosso Senhor revela, por primeira vez, sua Paixão, Morte e Ressurreição. Continua o Evangelho: “Então Pedro tomou Jesus à parte e começou a repreendê-Lo, dizendo: ‘Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca Te aconteça!’ Jesus, porém, voltou-Se para Pedro, e disse: ‘Vai para longe, satanás! Tu és para Mim uma pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas sim as coisas dos homens!’” (Mt 16, 22-23).

Severa repreensão ao primeiro Vigário de Cristo... Por quê? Embora Pedro – ainda não santo – tivesse reconhecido a divindade do Mestre por inspiração divina, ele falava como um homem preso aos conceitos do mundo. Não admitia a dor no caminho

do Messias esperado, que restauraria – numa visualização terrena – os poderes de Israel. Jesus, porém, revela o lado sobrenatural de sua vinda: o resgate da humanidade e a abertura das portas do Céu.

Assim, o Divino Redentor nos ensina algo crucial: é preciso cautela com as elucubrações pessoais ou conselhos que nos desviem de nossos deveres espirituais, ainda que venham de um amigo, pois será ele mau conselheiro, ou seja, satanás!

Jesus então exorta: “Se alguém quer Me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e Me siga” (Mt 16, 24). “Renunciar a si mesmo” é dizer “não” a tudo aquilo que eu quero, mas Deus não quer, aceitando com gratidão o que a Providência nos reserva. Tal tarefa revela-se árdua. E Nosso Senhor também o sabe... pois convida a segui-Lo no caminho do Calvário. Como levar esse propósito a bom termo? Dois pontos são fundamentais.

Primeiro, ter presente que “o amor é a capacidade de uma pessoa sofrer pela outra, com alegria”, conforme define Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. Sem um amor profundo pelo Salvador – que se prova no cumprimento dos Mandamentos e na prática das virtudes –, não teremos a coragem necessária para sofrer por Ele.

Segundo, é essencial manter o olhar fixo na promessa da eternidade, onde Nosso Senhor “recompensará a cada um segundo suas obras” (Mt 16, 27). Nisso está a chave para a aceitação, com ânimo e fé, das provações que Ele permite em nossas vidas. Os sofrimentos, quando bem acolhidos, nos purificam e nos preparam para o gozo da felicidade sem fim.

Nas tribulações do mundo, é preciso percorrer a *via crucis* já completada por tantos Santos, hoje habitantes do Reino dos Céus. Peçamos, pois, à Mãe de Misericórdia graças especiais para confiarmos plenamente n’Ela, que acompanhou seu Divino Filho nas dores da Paixão e na glória da Ressurreição. Esse é o segredo para o verdadeiro amor nesta terra e a semente da felicidade eterna. ✠

Jesus nos convida a segui-Lo no caminho do Calvário. Como levar esse propósito a bom termo? Dois pontos são fundamentais



Jesus a caminho do Calvário, por Hans Holbein, o Jovem - Galeria Estatal, Stuttgart (Alemanha)

Francisco Lecaros

NO CORPO, LIVRE PELO MILAGRE; NA ALMA, PELA ESCRAVIDÃO

França, fins do século X. Em frente a uma igreja consagrada à Mãe de Deus, um menino aguarda sozinho o retorno de sua ama e de alguns criados de seu pai, que o acompanhavam. Em sua tenra idade, sofria de uma doença que lhe subtrairia a força dos membros, dificultando-lhe imensamente qualquer forma de locomoção. Não havia perigo de que desaparecesse enquanto seus custódios compravam, em casas próximas, mantimentos para a viagem que faziam.¹

Contudo, percebendo a criança sua solidão e sentindo-se impelida por forte moção da graça, decide empreender uma aventura. Vencendo a inércia do corpo, rasteja rumo ao interior do santuário em meio às sombras. Com muita dificuldade alcança o presbitério e, agarrando num esforço supremo a toalha do altar, tenta erguer-se. A enfermidade, porém, insiste em detê-lo...

De repente o poder divino, mediado pela intercessão da Virgem Santíssima, triunfa e restaura num só instante o vigor daqueles diminutos membros. Milagre: o menino se levanta! Livre da paralisia que o acorrentava, começa a correr de um lado para o outro, exultante pela inesperada intervenção sobrenatural.

Enquanto isso, os criados retornam ao local onde o pequeno paraplético fora deixado e, não o encontrando, começam a procurá-lo por toda parte, aflitos. Tê-lo-iam raptado? Ao entrarem no templo, deparam-se com uma cena inusitada: sob a luz tênue do crepúsculo

que filtra pelos vitrais românicos, o menino corre com agilidade. Reconhecendo a maravilha da graça, eles se apressam em concluir a viagem e apresentar aos pais aquele “milagre ambulante” chamado Odilon.

Anos mais tarde esse mesmo menino, que o tempo amadurecera e a graça transformara em monge — o grande abade de Cluny, a maior família monástica da época —, retornaria àquela igreja. Desta vez, porém, não seriam seus braços e pernas que retomariam prodigiosamente o vigor, e sim sua alma que se elevaria a cumes inimagináveis de união com a Rainha dos Anjos.

Diante do altar em que, outrora, a Mãe de Deus libertara seus membros, ele agora vinha tornar a submetê-los, não mais à letífera servidão da natureza, mas à gloriosa e sagrada escravidão a Maria. Não há ninguém ao redor. Contemplam a cena apenas os Anjos, encantados. Cingindo o próprio pescoço com a ponta de uma corda, o Santo deposita a outra ponta sobre o altar da Virgem e, tendo o Céu como única testemunha, pronuncia a sua consagração:

“Ó piíssima Virgem e Mãe do Salvador de todos os séculos, aceitai-me de hoje em diante para sempre no vosso

serviço. Em todas as minhas dificuldades, ó Advogada misericordiosíssima, vinde em meu auxílio. Abaixo de Deus, nada anteponho a Vós. E, de livre vontade, entregou-me como escravo do vosso domínio por toda a eternidade”.

Com esse ato de entrega total, Santo Odilon, que conhecera desde cedo o amor de Maria, coroa o milagre de sua libertação. Ao tornar-se escravo de tal Senhora, alcançava a plenitude da verdadeira liberdade. Guardada para sempre sua alma do poder do demônio e definitivamente protegidos seus membros da servidão ao pecado, nos braços da Virgem ele trilharia uma via reta e segura rumo ao Céu. O Santo revelava, assim, à humanidade um segredo oculto desde a criação: a felicidade suprema de quem se confia por inteiro à Mãe de Deus e Rainha do Universo. ✚

¹ Cf. JOTSAUD. *De vita et virtutibus Sancti Odilonis abbatis*. L.II, c.1: PL 142, 915-916.

Com um ato de escravidão a Maria, Santo Odilon coroa o milagre de sua libertação

Santo Odilon - Igreja de Nossa Senhora, Cluny (França)



Arquivo Revista



Tribuna do profetismo

Dr. Plínio desvendava ao grande público aquilo que seu discernimento lhe tornava claro, e não duvidava em lançar prognósticos que se cumpriram ao pé da letra, rasgando a etiqueta de irrealizáveis que qualquer analista lhes teria colocado “a priori”.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Concluído o mandato de deputado,¹ Dr. Plínio se propôs usar da grande influência que ainda conservava junto aos católicos e dos demais recursos de que dispusesse, para prosseguir com vigor seu apostolado.

Um desses recursos era o modesto jornal *Legionário*. Editado quinzenalmente desde 1927 pela Paróquia Santa Cecília, para divulgar os acontecimentos internos da comunidade e da Congregação Mariana local, contava com a frequente colaboração de Dr. Plínio desde sua entrada no Movimento Católico.

Em 1933, alguns congregados lhe haviam pedido que se tornasse diretor da folha, para que seu prestígio como deputado a favorecesse. Consentiu ele sem dificuldade. Porém, ocupadíssimo com os trabalhos da Câmara, que o mantinham boa parte do tempo no Rio de Janeiro, era inviável pensar na direção efetiva do jornal. Por isso, disse-lhes:

— Podem pôr o meu nome desde já. Quando deixar de ser deputado, eu vou começar a exercer o cargo. Por enquanto não é possível fazer tudo ao mesmo tempo.

De fato, findo o mandato assumiu a direção do periódico, convencido de que essa publicação, na aparência irrelevante, poderia vir a ser excelente, desde que ele formasse “uma boa equipe de redatores, e utilizasse convenientemente o jornal com os objetivos católicos que tinha em vista”.²

Mas como transformar uma simples folhinha quinzenal, cujas notícias não ultrapassavam o âmbito da vida religiosa de uma paróquia de São Paulo, em um semanário de largos horizontes, capaz, segundo seus anseios, de influenciar a opinião católica de todo o Brasil?

Tratava-se de apresentar aos potenciais leitores um ponto de referência até então inexistente, tanto no entorno católico quanto na imprensa em geral, por meio de uma análise de todos os panoramas e acontecimentos quer da esfera religiosa, quer da temporal, inteiramente plasmada pelos ensinamentos do Magistério da Igreja.

Primeira tribuna pública do profetismo

Tão logo Dr. Plínio assumiu a direção, o *Legionário* passou a abordar as matérias mais variadas: desde a política nacional e internacional, sem se associar a nenhuma das ideologias em voga, até a alta apologética, para que os católicos soubessem defender com galhardia sua Fé, passando por temas da História Universal, numa óptica que não se encontrava nos manuais correntes, e até por assuntos econômicos, sociais ou filosóficos que pudessem interessar à generalidade dos fiéis ou nos quais estivessem envolvidas as grandes pugnas que a Igreja enfrentava naquele tempo.

Esse vasto conteúdo Dr. Plínio se propôs a “tratar em estilo polêmico. Escrever

com a ponta da espada e mantendo uma polêmica contínua mais ou menos com todo o mundo. [...] Era o bombardeio da Contra-Revolução contra a Revolução”.³

Transformado em pouco tempo num influente semanário de repercussão internacional, o *Legionário* tornou-se a tribuna desde a qual Dr. Plínio revelou ao mundo o singular carisma profético com que foi dotado pela Providência. Com coragem denunciou o perigo nazifascista que se levantava no Brasil, a fim de que os católicos não se deixassem iludir por falsas soluções, e delatou, já como primeiro presidente da Ação Católica de São Paulo, os incipientes erros que ameaçavam mudar a face imaculada da Santa Igreja, para os quais ninguém ainda abria os olhos totalmente.

Lembremos que a essência da missão profética, ao contrário do que de ordinário se acredita, não consiste apenas em fazer vaticínios, mas, sobretudo, em indicar aos homens os rumos da Providência e em contemplar a visão que Deus tem dos fatos.⁴ Como veremos adiante, esta é a característica proeminente do profetismo de Dr. Plínio, embora ele também fizesse previsões... e quanto!

Com palavras de um verdadeiro profeta que antevia os passos seguintes da Revolução, Dr. Plínio desvendava ao grande público aquilo que seu discernimento lhe tornava claro, e não duvidava em lançar prognósticos que se cumpriram muitas vezes ao pé da letra,



Fotos: Reprodução

O “Legionário” tornou-se a tribuna da qual Dr. Plínio revelou ao mundo o singular carisma profético com que foi dotado pela Providência

Exemplares do “Legionário”; em destaque, Dr. Plínio discursando no início da década de 1940

rasgando a etiqueta de irrealizáveis que qualquer analista lhes teria colocado *a priori*. E, assim, o peso de sua opinião ia crescendo aos olhos de bons e maus.

O que ninguém esperava... aconteceu

Seria impossível oferecer aqui um elenco exaustivo de tantas previsões publicadas que terminaram por verificar-se. Porém, sirva como amostra uma das profecias que, em seus sucessivos desdobramentos, repercutiu sobremaneira por ser sua realização de todo improvável naquela época.

Como até hoje costuma acontecer, constava em amplos setores de opinião que nazismo e comunismo eram ideologias antagônicas e irreconciliáveis. Contrariando esse parecer, desde que tivera início, na década de 1930, a ascensão do nacional-socialismo alemão e de seus congêneres em outras nações, Dr. Plínio sempre apontou em ambos os sistemas uma misteriosa identidade de doutrinas, sobretudo em relação ao inconfessado ódio contra a Igreja Católica, sob a capa de objetivos na aparência diversos.

Esta constante denúncia foi particularmente chamativa quando, no primeiro número de 1939, o *Legionário* publicou as seguintes linhas: “No limiar de 1938, quatro eram as grandes posições ideológicas em que se distribuía a humanidade: o Catolicismo, o liberalismo, o comunismo e o nazismo. [...] Enquanto todos os campos se definem, um movimento cada vez mais nítido se processa. É o da fusão

doutrinária do nazismo com o comunismo. A nosso ver, 1939 assistirá à consumação dessa fusão”.⁵

Quem considerasse estas palavras pelo exclusivo prisma do conhecimento natural julgaria sem exagero que, dessa vez, Dr. Plínio tinha ido longe demais, arriscando-se a cair no descrédito. Podia ele insistir nas afinidades filosóficas entre as ditaduras alemã e russa, porém a simples hipótese de uma aliança oficial entre nacional-socialistas e bolcheviques seria reputada como um disparate por qualquer observador.

Não por acaso, seu autor lembrava, décadas depois, que o artigo ocasionou um verdadeiro escândalo entre leitores das mais variadas tendências. Mas... era um profeta que falava. A tão hipócrita “rasgar de vestes”, passados poucos meses se seguiu o estupor, pois o prognóstico se confirmou à risca quando em agosto foi assinado o famoso Pacto Ribbentrop-Molotov,⁶ surpreendendo todas as potências ocidentais e deixando desconcertada a Opinião Pública às vésperas do estouro da Segunda Guerra Mundial. A lucidez profética de Dr. Plínio ficou ainda mais patente pelos benefícios que auferiam ambas as potências com o inusitado tratado. Não é preciso dizer o quanto tudo isto fez aumentar o prestígio do *Legionário* e de seu diretor junto aos leitores.

Assim, semana a semana, Dr. Plínio analisava com lupa todo tipo de notícias relacionadas com o conflito mundial, assestando a lente sobre matizes

que ninguém notava e daí tirando conclusões as mais ousadas, cujo acerto vinha a comprovar-se.

“Qui vivra verra”

Outro exemplo nos é dado por um assunto em estreita relação com o anterior. Dr. Plínio vinha denunciando, desde muito antes de a guerra eclodir, diferentes manejos na política inglesa que, a seu ver, visavam favorecer o entreguismo do Império Britânico diante das investidas expansionistas do Terceiro Reich. Ele não poupou invectivas à nefasta diplomacia pacifista de Lord Chamberlain que culminou com a vergonhosa assinatura do Acordo de Munique.⁷

Consumada essa enorme derrota moral que fortaleceu o nazismo, diversos sintomas deixavam claro a Dr. Plínio que na Inglaterra se urdiam conspirações com vistas a uma política colaboracionista em relação à Alemanha, e que o sucesso dessas intrigas deixaria a Europa inteira e, em consequência, o mundo, nas mãos da ideologia neopagã de Hitler.

Em meio a esse agitado cenário político-bélico, em que a peça representada poderia mudar os destinos da humanidade, em maio de 1941 deu-se a queda em solo britânico do avião pilotado pelo número dois do regime nacional-socialista, Rudolf Hess,⁸ novelesco episódio cujas motivações mais profundas permanecem envoltas nas brumas do mistério.



Grande era o impacto produzido no público ao comprovar que as conjecturas delineadas por Dr. Plínio em seus artigos se cumpriam ao pé da letra

Visita dos membros do “Legionário” a Dom José Gaspar, em seu Palácio Episcopal

Na resenha de *7 Dias em Revista* que escreveu comentando o fato, Dr. Plínio não hesitou em relacioná-lo com as manobras pró-nazistas mencionadas acima: “O assunto é por demais confuso, ou se tornou por demais confuso, para que se possa formar sobre ele uma ideia clara. [...] Parece indiscutível que o Sr. Hess não ‘fugiu’ da Alemanha [segundo a hipótese defendida oficialmente pelo regime nazista] senão para fazer uma viagem de fins essencialmente políticos”.⁹ Com habilidade, Dr. Plínio ainda deixava entrever como o ocorrido vinha ao encontro das suspeitas sustentadas ao longo dos meses anteriores com base nos dados recolhidos

das agências telegráficas e punha uma interrogação na cabeça dos leitores.

É oportuno frisar que só nas últimas décadas começou a prevalecer entre os historiadores, como a hipótese mais plausível, aquilo que fora visto pelo olhar profético de Dr. Plínio sobre um fato que alterou de maneira decisiva o rumo da Segunda Guerra Mundial. Ele comentaria anos mais tarde: “Disse o Churchill que nunca tantos deveram tanto a tão poucos, a respeito dos aviadores que defenderam Londres [dos ataques aéreos nazistas]. O fato concreto é que os camponeses que deitaram a garra em Rudolf Hess e o levaram para a minúscula delegacia de polícia que o de-

teve, poderiam figurar na lista dos poucos a que nunca tantos deveram tanto”.¹⁰

Porém, mais surpreendente do que tudo isso foi a consequência associada por Dr. Plínio ao aprisionamento do herdeiro de Hitler. Quando o mundo tinha assimilado como algo normal a sinistra aliança nazicomunista, o mesmo artigo apontava para uma inopinada reviravolta no horizonte: “Como todos veem, a colaboração germano-russa está atingindo seu auge, pela intervenção ativa da Rússia ao lado da Alemanha, na política asiática. O *Legionário* já previu longamente tudo quanto se está passando. E, exatamente agora, quando parece ter chegado a seu zênite esta colaboração, permitimo-nos adiantar mais uma coisa a nossos leitores, coisa esta que certamente lhes causará surpresa: no pé em que estão essas relações, tanto é possível que durem longamente, quanto que de repente a Alemanha agrida a Rússia. E tudo isto sem que deixe de ser perfeitamente real a simbiose nazicomunista. *Qui vivra verra*”.¹¹

Mais uma vez impensáveis aos olhos de qualquer comentarista político ou militar, as palavras de Dr. Plínio atingiram grande repercussão. Mal havia passado um mês, a conjectura tornava-se realidade: no momento em que ninguém poderia esperar a ruptura do Pacto Ribbentrop-Molotov, a Alemanha empreendia a invasão da Rússia mediante a Operação Barbarroxa, introduzindo o conflito mundial numa nova e crudelíssima fase.

¹ Nota da Redação: Mandato exercido na Assembleia Legislativa Constituinte de 1933, tendo sido Dr. Plínio o deputado do mais jovem e mais votado de todo o Brasil.

O presente texto foi extraído, com pequenas adaptações, de: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Plínio Corrêa de Oliveira. Um profeta para os nossos dias*. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2017, p.124-128; *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-

-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.III, p.45-53.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 23/6/1973.

³ Idem. *Conferência*. São Paulo, 18/2/1989.

⁴ “A revelação profética se estende não só aos acontecimentos humanos futuros, mas também às coisas divinas. E alcança não só aquelas que se propõem a todos como matéria de fé, como a outros mais altos

mistérios, que se comunicam aos perfeitos e que são objeto da sabedoria” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.171, prol.).

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Entre o passado e o futuro. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XII. N.329 (1 jan., 1939), p.2.

⁶ O Pacto Ribbentrop-Molotov ficou conhecido pelo nome de seus negociadores, os ministros das relações exteriores da Rússia, Viatcheslav Molotov, e da Alemanha, Joachim von Rib-

bentrop. Consistia num tratado de não agressão entre ambos os países, que se comprometiam a manter a neutralidade no caso de um deles atacar outra nação, na intensificação das trocas comerciais e no fornecimento de material bélico à Rússia. O tratado incluía um protocolo secreto, dividindo a Europa setentrional e oriental em esferas de influência alemã e russa, plano a que se deu início com a invasão da Polônia pelas duas nações. Foi assinado em Moscou, a 23 de agosto de 1939, e vigorou

Convocado para dar explicações

Tal foi o impacto produzido pelo cumprimento da previsão feita no *Legionário*, que o então Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar d'Afonseca e Silva, quis esclarecer a questão, talvez por julgar Dr. Plínio por demais informado. Convocou-o ao palácio episcopal e, durante a conversa, perguntou-lhe como soubera do fato antes de este acontecer. Com simplicidade, ele respondeu:

— Senhor Arcebispo, não sei dizer. Apenas sei que a ideia me veio ao espírito naturalmente, pensando. Compreendo que não estava ao alcance de minha inteligência.

A resposta despretenhosa mostra como Dr. Plínio tinha certa noção dos limites de suas qualidades naturais e da extensão do auxílio sobrenatural, o que, em outros termos, pode-se definir como uma grande humildade. Mas, sobretudo, denota uma característica própria ao dom de sabedoria e carisma de profecia. Nem sempre o profeta tem, logo de início, consciência clara de que as moções do Espírito Santo em sua alma correspondem a dons tão elevados. Isso ocorre, conforme nos ensina São Tomás, porque sua mente pode ser ilustrada mediante um instinto profético e, neste caso, ele “às vezes fica sem saber se o que pensa lhe

vem de algum instinto divino ou do seu próprio espírito”.¹²

De fato, Dr. Plínio fazia essas previsões não a partir de regras por ele conhecidas, mas porque, por meio desse instinto, deitava os olhos nos acontecimentos e os via como Deus os vê. São Tomás¹³



Dr. Plínio previa não a partir de regras por ele conhecidas, mas por meio de certo instinto profético, pelo qual deitava os olhos nos acontecimentos e os via como Deus os vê

Mons. João em dezembro de 2013

é exato ao dizer que esse conhecimento profético está no mais elevado gênero de conhecimento sobrenatural que o homem possa ter na face da terra. Embora ainda imperfeito se comparado à visão beatífica, que tem uma dignidade infinita por ser a visão da essência de Deus,¹⁴ é superior àquele obtido através de visões imaginárias ou outros prodígios análogos, aos quais se associa com facilidade a figura do profeta.

Muitas vezes, ao fazer tais análises sob o influxo do instinto profético, Dr. Plínio não percebia de imediato tratar-se de um sopro direto do Espírito Santo, e atribuía em boa medida à lógica natural o fluir de suas previsões. Todavia, no caso acima narrado e em inúmeros outros, o fato de suas acertadas predições se confirmarem, e a reação de surpresa das demais pessoas ao perceberem não ser este um fenômeno natural, levavam-no a refletir sobre a existência de uma assistência especial da graça, e terminava por concordar.

Ele mesmo explicaria muitos anos depois: “Eu percebia que Nossa Senhora me tinha dado na ordem natural uns certos dons e certos dotes naturais, mas que frequentemente o resultado do meu pensamento ia mais longe do que a minha inteligência natural podia chegar”.¹⁵ ✠

até 22 de junho de 1941, quando a Alemanha invadiu a Rússia.

⁷ Depois da decomposição do Império Alemão em 1919, cerca de três milhões de alemães viviam no recém-constituído Estado da Checoslováquia, numa zona montanhosa denominada Sudetos. O regime nazista de Adolf Hitler, em suas pretensões expansionistas, exigiu anexar à Alemanha essa região. No Acordo de Munique as potências europeias, aplicando a “política de apaziguamen-

to”, cederam ante as pressões do Führer, esperando assim acalmá-lo. Com a assinatura do acordo em 30 de setembro de 1938, Inglaterra e França – traindo suas alianças militares com a Checoslováquia – entregaram os Sudetos a Hitler, com a condição de que fosse esta a sua última reivindicação territorial. Todavia, o líder nazista não cumpriu sua palavra, invadindo toda a Checoslováquia em março do ano seguinte.

⁸ Rudolf Hess (1894-1987) foi um alto dirigente alemão, membro do Conselho de Defesa do Reich e adjunto de Hitler. Pouco antes da invasão da Rússia pela Alemanha, ele voou desacompanhado à Escócia, mas ao saltar de paraquedas quebrou o pé, foi detido por camponeses e entregue às autoridades, sendo feito prisioneiro.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. 7 Dias em Revista. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XIV. N.453 (18 maio, 1941), p.2.

¹⁰ Idem. *Conferência*. São Paulo, 13/10/1973.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. 7 Dias em Revista. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XIV. N.453 (18 maio, 1941), p.2.

¹² SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.171, a.5.

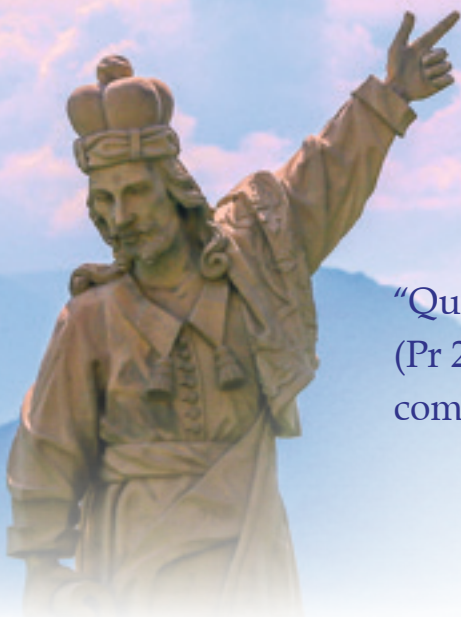
¹³ Cf. *ibid.*, q.174, a.2.

¹⁴ Cf. *ibid.*, I, q.25, a.6, ad 4.

¹⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 9/3/1991.

O dom de profetismo

Gustavo Kraijl



Eco perpétuo da voz de Deus

“Quando faltar a profecia, o povo se corromperá” (Pr 29, 18 Vulg.). Então, a um mundo tão corrompido como o de hoje, falta a profecia?

✠ José Antonio Blanco Soto



Frequentemente relacionado a ritos esotéricos, adivinhos, magia e ocultismo no paganismo antigo, o profetismo era uma função obscura não só pela atmosfera misteriosa que o cercava, mas também pela familiaridade com que seus detentores consideravam certas forças estranhas ao mundo visível. Era assim que todos os povos da Antiguidade se submetiam a autênticos porta-vozes do demônio, servidores de religiões – ora mais, ora menos – aterradoras e inumanas.

Todos os povos... menos um: Israel, a raça eleita, o pequeno rebanho do verdadeiro Deus. Lá, sim, havia profetas de verdade.

Varões consagrados por completo à missão de homens-símbolo, portadores das mensagens do Senhor dos Exércitos, arautos de castigos e prêmios, de repreensões e promessas; em uma palavra, homens que personificavam, por assim dizer, o pensamento e os desejos de Deus.

Basta nos lembrarmos de Santo Elias, profeta que surgiu como fogo, cujas palavras queimavam como uma tocha. Tendo lançado reis na ruína e sido “escolhido pelos decretos dos tempos para amenizar a cólera do Senhor, reconciliar os corações dos pais

com os filhos, e restabelecer as tribos de Jacó” (Eclo 48, 10), não previu nada ou quase nada a respeito do futuro. Entretanto, na Transfiguração do Senhor no Monte Tabor, apareceram, como síntese de todo o Antigo Testamento, Moisés para representar a Lei, e Elias, a profecia.

*A tradição cristã
chama de profeta
aquele que fala em
nome de Deus, o
intérprete por meio do
qual Ele comunica ao
povo seus desígnios*

Quem, pois, percorre as páginas do Antigo Testamento percebe que ser profeta é mais do que prever o futuro.

A voz de Deus para seu povo

A tradição cristã chama de profeta aquele que fala em nome de Deus, o intérprete por meio do qual Ele comunica ao povo seus desígnios e suas verdades.

É o que encontramos, por exemplo, no Livro do Êxodo. Apesar das várias tentativas para libertar Israel do jugo egípcio, a escravidão dos hebreus recrudescia. Diante do fracasso, Moisés clama a Deus: “Eu não tenho o dom da palavra; como me ouvirá o faraó?” (Ex 6, 30). E o Senhor responde-lhe: “Vou fazer de ti um deus para o faraó, e teu irmão Aarão será teu profeta” (Ex 7, 1). Tal afirmação deixa claríssimo que profeta é aquele que serve de voz para o Altíssimo.

Mais da metade dos livros do Antigo Testamento narram acontecimentos em torno da vida dos profetas. A Teologia pôde ali encontrar farta matéria para basear explicitações a respeito do profetismo, muitas vezes desconhecidas de boa parte dos católicos em nossos dias.

Parece, assim, oportuno trazer à tona este tema tão vasto e importante, estudando-o sobretudo à luz de um grande lumiar da Teologia católica, São Tomás de Aquino.

O dom de profecia na pluma do Doutor Angélico

Primeiramente, devemos considerar que o dom de profecia faz parte daquelas graças chamadas *gratis datae*, e se refere tanto ao conhecimento dos fatos futuros quanto ao discernimento dos

espíritos e aos mistérios que transcendem as verdades comuns da Fé.¹

O Doutor Angélico divide a profecia em três categorias: de predestinação, de presciência e de ameaça.

A primeira se refere àqueles vaticínios que devem cumprir-se necessariamente, pois estão predispostos por Deus para tal; nela não influem os atos dos homens, uma vez que os desígnios divinos são imutáveis. Consiste, em síntese, numa revelação daquilo que o Onipotente vai realizar. Como exemplos, podemos recordar as profecias a respeito da vinda do Messias no Antigo Testamento.

Se nesse tipo de profecia é dado ao indivíduo conhecer o que Deus fará, na de presciência ele contempla os acontecimentos futuros determinados pelas decisões dos homens. Trata-se, por exemplo, dos vaticínios a respeito de guerras ou invasões no tempo dos reis de Israel.

Finalmente, a profecia de ameaça é aquela que anuncia as consequências dos atos presentes, sem desconsiderar a possibilidade de mudança conforme haja conversão e arrependimento por parte dos homens. O anúncio da destruição de Nínive feito por Jonas, que teve como resultado a contrição dos ninivitas, é um típico exemplo desse gênero de profecia. Aponta então a

Escritura: “Vendo como renunciavam aos seus maus caminhos, Deus arrependeu-se do mal que resolvera fazer-lhes, e não o executou” (Jn 3, 10).

Entretanto, como dissemos acima, o profetismo ultrapassa o simples olhar sobre os acontecimentos futuros, estendendo-se a tudo o que é útil e precisa ser conhecido para a salvação. O carisma profético também julga segundo a

O profetismo ultrapassa o simples olhar sobre os acontecimentos futuros, estendendo-se a tudo o que é útil e precisa ser conhecido para a salvação

perspectiva divina os costumes, as tendências e as doutrinas. Suas sentenças são infalíveis pois, ao serem infundidas por Deus na alma do profeta, não podem induzir ao erro.²

Por essa razão, no Antigo Testamento os profetas estavam sempre ao lado dos monarcas: mais do que os reis, os

varões de Deus possuíam o “critério divino” para avaliar de forma inerrante os acontecimentos. Ao soberano que acatava os conselhos do profeta eram concedidas as bênçãos do Céu; àquele que desobedecia, não havia calamidade que não lhe pudesse ocorrer.

O profeta exercia um papel central, era como a lei viva, o polo para o qual toda a hierarquia do povo eleito devia se voltar a fim de ser agradável ao Senhor. Por outro lado, no Antigo Testamento tocar num profeta era como tocar em Deus.

Só no Antigo Testamento?

O carisma profético na Igreja

Assim como costumamos restringir o dom da profecia à simples predição do futuro, igualmente temos a tendência de circunscrever a atuação dos profetas ao período anterior à Encarnação do Verbo. Na realidade, “longe de eliminar o carisma de profecia, a vinda de Cristo provocou, ao contrário, a expansão predita por Moisés: ‘Oxalá todo o povo fosse profeta!’ (Nm 11, 29)”.³

Tal confusão pode explicar-se pelo fato de que normalmente relacionamos a comunicação profética a grandes arroubos místicos, com visões de seres misteriosos ou imagens de proporções gigantescas, como as de célebres



No Antigo Testamento, o profeta era como a lei viva, o polo para o qual o povo eleito devia se voltar a fim de ser agradável ao Senhor

Da esquerda para a direita: profetas Jeremias, Moisés e Elias - Museu Santa Maria della Scala, Siena (Itália); na página anterior, réplica do profeta Habacuc, de Aleijadinho - Casa Lumen Maris, Ubatuba (SP)



Sempre houve na trajetória bimilenar da Igreja almas eleitas por Deus, à maneira dos profetas de outrora, para influenciar e guiar a humanidade

Santa Catarina de Siena ante o Papa Gregório XI - Santuário de Santa Catarina, Siena (Itália)

passagens veterotestamentárias. Ora, São Tomás de Aquino nos explica que “é tanto mais excelente a profecia quanto menos necessita dessa visão da imaginação”.⁴ Em outras palavras, o carisma profético é tanto mais perfeito quanto mais as verdades se traduzem por pensamentos e inspirações, e menos por imagens materiais.

Era lógico que os profetas posteriores à Redenção fossem de preferência honrados com este modo superior de profecia. Entretanto, pouco se fala do caráter profético na vida da Igreja, apesar de muitas vezes ser este o ponto em torno do qual se esclarecem grandes e complexas hagiografias: verdadeiramente, “será difícil compreender a missão de muitos dos Santos da Igreja sem referência ao carisma profético”.⁵

O próprio São Paulo reconhece essa centralidade do espírito de profecia quando afirma que a Igreja, cuja pedra angular é Cristo, tem apenas dois pilares como fundamento: os Apóstolos e os profetas (cf. Ef 2, 20). Isso porque o profeta “é

*O carisma profético
é tanto mais perfeito
quanto mais as
verdades se traduzem
por pensamentos e
inspirações, e menos
por imagens materiais*

aquele que sabe ler na trama dos acontecimentos o desígnio de Deus, e sabe interpretar o sentido religioso dos fatos”.⁶

Conforme explica o Cardeal Charles Journet, a Igreja não conhece apenas o depósito revelado. A ela cabe o conhecimento do estado do mundo e o discernimento dos espíritos, por meio dos profetas. Eles saberão perceber, à luz divina, os males de sua época e prescrever os verdadeiros remédios: “Enquanto a massa parecerá atingida pela cegueira,

enquanto até os melhores hesitarão ou tatearão, eles, com instinto sobrenatural e infalível, irão direto ao alvo”.⁷

O profetismo não morreu

Contra ao fato de o profetismo subsistir em nossos dias, poder-se-ia lançar a seguinte objeção: os profetas da Antiga Lei transmitiam ao povo as palavras que Javé lhe queria dirigir; entretanto, tendo Se encarnado o próprio Verbo, o que mais o Altíssimo haveria de dizer ao mundo? Já está tudo dito...

É bem verdade. Mas a humanidade sempre precisou – e precisa hoje mais do que nunca – de varões e damas que atualizem a mensagem de Deus conforme os problemas de cada tempo. Por isso o Aquinate aclara que em nenhuma fase da História faltou à Igreja alguém dotado do espírito de profecia para guiar a atividade humana conforme os desígnios do Criador.⁸

Assim, alicerçado na multissecular doutrina cristã, Mons. João Scognamiglio Clá Dias explica que, “além do profetismo oficial existente no Antigo Testamento, sempre houve na trajetória bimilenar da Esposa Mística de Cristo homens e mulheres que, à maneira dos profetas de outrora, foram eleitos por Deus para influenciar a humanidade segundo os desígnios do Altíssimo. São os fundadores e fundadoras das Ordens Religiosas; os Santos ou Santas exponenciais, que marcaram de forma indelével a sociedade civil e religiosa da sua época; os Pontífices destemidos, que souberam exercer com pulso firme o poder a eles conferido pelo próprio Cristo. Quer fossem clérigos, religiosos ou leigos, neles brilhava uma luz divina que arrebatava as almas e as conduzia nos caminhos escolhidos pela Providência”.⁹

Não é verdade que podemos discernir uma missão profética na ação de São Bento, patriarca da Europa Cristã, ou na gesta evangelizadora dos filhos de Santo Inácio nas Américas, bem como em sua batalha contra a pseudorreforma protestante? Ou ainda nas pregações inflamadas de São Francisco de Paula, São

Vicente Ferrer e São Luís Grignon de Montfort, e nas graves admoestações que Santa Catarina de Siena dirigia aos Papas de seu tempo? O que dizer, então, da luminosa trajetória de Santa Joana d'Arc, a pastorinha da Lorena que comandou exércitos, venceu batalhas, coroou o rei da França e diversas vezes reduziu um tribunal de doutos ao silêncio, guiada por vozes angélicas e moções interiores?

A vida daqueles que, conduzidos por uma clara moção do Espírito Santo, lutaram pelos direitos da Igreja contra seus inimigos internos e externos, velados ou declarados, apresenta com muita frequência traços iniludíveis de autêntico profetismo.

Grandiosos dias em que vivemos

Isso tudo nos desvenda um horizonte imponente: como a História da Igreja é grandiosa! Pensam alguns que em nossos dias os fatos gloriosos já não se dão, as proezas dos grandes homens do passado não se repetem. Enganam-se!

A bem da verdade, vivemos num tempo dos mais decisivos da História. Neste século em que a distinção entre bem e mal parece abolida, em que se põe em dúvida as verdades mais elementares, em que cada qual presume redefinir os princípios fundamentais da moral e reinterpretar a lei de Deus conforme seu próprio critério egoísta, nestes tempos, enfim, em que o mundo caminha, como nunca, rumo à própria destruição, teria Deus Se silenciado?

Não! “A voz de Deus”, garante Mons. João, “se faz ouvir hoje, como no decorrer de dois mil anos, através do Magistério da Santa Igreja. [...] Mas ela

está presente também por meio daqueles que primam pela fidelidade a esse Magistério”.¹⁰

*“A voz de Deus”,
garante Mons. João,
“se faz ouvir hoje,
como no decorrer de
dois mil anos, através
do Magistério da
Santa Igreja”*

Não fuçamos desta imensa, mas tão gloriosa responsabilidade: participantes da missão profética de Cristo pelo Batismo, nós – e não outros – somos chamados a exercer o profetismo em nosso tempo, cada qual segundo seu estado e condição. Apenas isto é preciso: que sejamos católicos, não só de nome, mas de verdade; católicos fervorosos, de vida sacramental intensa e ardorosa piedade. Se essa condição for abraçada por nós com toda a alma, Deus nunca deixará de nos mostrar os rumos a seguir. Poderemos, assim, caminhar com segurança à luz de sua divina vontade e conduzir muitos outros à salvação. ✠



Gustavo Kralj

Participantes da missão profética de Cristo pelo Batismo, somos chamados a exercer o profetismo em nosso tempo, cada qual segundo seu estado

Nosso Senhor ensinando - Catedral de Notre-Dame, Paris

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.171. As graças *gratis datae* são dons que não se destinam propriamente à santificação pessoal daqueles que os recebem, mas são concedidos em vista do bem de terceiros. A profecia enquadra-se nessa divisão por estar dirigida ao benefício da comunidade.

² Cf. *ibid.*, a.6.

³ BEAUCHAMP, SJ, Paul. Prophète. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). *Vocabulaire de Théologie Biblique*. 13.ed. Paris: Du Cerf, 2009, p.1056.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.174, a.2, ad 2.

⁵ BEAUCHAMP, op. cit., p.1057.

⁶ CIARDI, Fabio. *Los fundadores, hombres de espíritu. Para una teología del carisma de fundador*. Madrid: Paulinas, 1983, p.271.

⁷ JOURNET, Charles. *L'Église du Verbe Incarné*. Saint-Maurice: Saint-Augustin, 1998, v.I, p.282-283.

⁸ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., a.6, ad 3.

⁹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Plínio Corrêa de Oliveira. Um profeta para os nossos dias*. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2017, p.13.

¹⁰ *Ibid.*, p.14.



Maria eternizada na História

Ao longo dos séculos, verifica-se a transmissão de certo espírito de Elias que, como preciosa herança, passa misteriosamente de geração em geração.

✠ Rúben Manuel Cunha Guimarães



Ao ser arrebatado por um redemoinho de fogo, Elias lançou sua capa sobre Eliseu, o discípulo fiel. O manto, caído aos pés do sucessor, simbolizava a transmissão em dobro do espírito do mestre. Assim, Elias não morria: como o Sol, ele apenas passou a brilhar em novos horizontes, pois “*seu espírito permaneceu em Eliseu*” (Eclo 48, 13).

Malaquias, o último dos doze profetas menores, ao encerrar seus vaticínios prediz sobre os tempos derradeiros: “*Vou mandar-vos o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do Senhor*” (3, 23).

São João Batista veio “adiante de Deus com o espírito e poder de Elias” (Lc 1, 17). O próprio Jesus disse ver nele “o Elias que devia voltar” (Mt 11, 14). E ainda promete outro profeta de equivalente estatura: “*Elias, de fato, deve voltar*” (Mt 17, 11).

* * *

Meditando essas passagens, surge uma inelutável conclusão: existe a transmissão de um espírito de Elias que, como preciosa herança, passa misteriosamente de geração em geração.

Que corrente concatena atemporalmente homens tão distantes numa emblemática e mística descendência espiritual que, utilizando a expressão de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, poderíamos denominar *filão eliático*?¹

Voltemos ao patriarca da família.

O Carmelo, a nuvem e a promessa

Irrompendo como um conúbio entre labareda e tempestade, Elias fez cair fogo por três vezes e lançou os reis na ruína (cf. Eclo 48, 3.6). Entretanto, por mais contraditório que pareça, foi ele o primeiro devoto de Maria. Quando subiu ao Monte Carmelo para impetrar de Javé o fim de uma grande seca – símbolo da humanidade à espera da Redenção –, avistou uma nuvenzinha que pressagiava volumosa chuva. Nesse pequenino sinal entreviu ele a própria “Virgem Mãe de Deus, ficando, por isso, a instituição profético-monástica do Carmelo inteiramente orientada a Maria”.²

No mesmo cume, o Tesbita “estabeleceu profetas para lhe sucederem” (Eclo 48, 8), não só Eliseu, mas ainda outros muitos discípulos que viviam em comunidade, lá onde havia sido afixada a Mãe do Salvador. Nessas alturas, é possível dizer que viviam os “filhos de Santo Elias praticando aquilo que parece ser a flor da piedade eliática: a escravidão a Nossa Senhora”.³

João Batista veio para confirmar o aspecto mariano desse simbólico filão. Em tudo semelhante aos profetas do Carmelo – virgem, asceta e habitante dos montes e desertos, viveu “seguindo o exemplo de Elias e Eliseu”⁴ –, ultra-

passou-os, não obstante, em intimidade com a Virgem prometida. Ouvindo-Lhe a voz, foi por Ela santificado (cf. Lc 1, 44).

O espírito de Maria

Visto o filão pelo prisma ao mesmo tempo profético e marial, tudo se esclarece. A corrente que une personagens tão díspares em torno do mesmo espírito só pode ser a dos escravos e devotos da Virgem Santíssima, pela qual eles Lhe entregam tudo, e pela qual Ela Se lhes dá por inteiro. O espírito de Elias apresenta-se assim como o próprio espírito de Nossa Senhora, presente e atuante em seus filhos mais prediletos: “O espírito de Maria é o da santa escravidão”.⁵

O filão eliático é depositário do espírito da Virgem naquilo que mais caracteriza um profeta: mediação entre o Altíssimo e os homens, “zelo pela glória de Deus, agilidade de águia para a contemplação divina e santa cólera contra os demônios”.⁶ Trata-se, por assim dizer, do prolongamento histórico da presença de Maria, de “um imenso veio que, visto no seu conjunto, acaba se nos apresentando como uma unidade de homens que se tocaram uns aos outros ao menos com a ponta do dedo”.⁷

Ora, tal presença de Nossa Senhora já respirava nesta terra de exílio antes que Ela nascesse.

À espera da Prefigurada

No filão marial, Noé espelhou a Rainha Universal ao “invocar a ira misericordiosa e justiceira de Deus”;⁸ por se tornar pai de uma nova humanidade, profetizou a Mãe dos redimidos.

Outros vários personagens – como Melquisedeque e Rebeca – representariam alguns matizes da luz que seria Maria, nos transes de maior decadência da raça humana. Seriam eles a ponte da fidelidade lançada sobre esses abismos: quer Noé sob as ondas do dilúvio, quer Melquisedeque num cenário politeísta, quer Elias durante a apostasia de Israel... cada qual profetizou no deserto a chegada triunfal da “Nuvenzinha”.

Segredo custodiado ao longo dos séculos

Chegou então a “plenitude dos tempos” (Gl 4, 4). E o filão, qual glorioso e estreito istmo, deparou-se com o continente que almejava: Maria. Afinal, aquela corrente sagrada que coordenara, misteriosa, os profetas da Virgem-Mãe, vincularia, à luz do meio-dia, os seus escravos de amor.

São João Evangelista, pela missão que Jesus lhe encomendou na Cruz de acolher Maria em sua casa (cf. Jo 19, 27), afigura-se como o primeiro responsável por essa epifania. Naqueles momentos de intimidade filial,

é mister pensar que a Mãe da Igreja tenha lhe confidenciado os segredos de seu Coração, em particular a respeito de uma relação mais próxima com Ela, mais tarde denominada *escravidão de amor*. Seguiu-se então, ao longo da História, um movimento de especial enternecimento por parte daqueles que se colocaram sob o patrocínio de Nossa Senhora.

Para citar um exemplo remoto, nota-se na oração marial mais antiga, o *Sub tuum praesidium*, o cântico da alma de um servo que se coloca nas mãos de sua Senhora: “À vossa proteção recorreremos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita!”

Se abrímos, ademais, a hagiografia do século X, encontraremos ainda outro exemplo. Numa capela solitária, Santo Odilon, abade de Cluny, se consagra perpetuamente como escravo da Virgem gloriosa.⁹

Sobrevoando por São Bernardo, Santa Catarina de Sena e outros muitos sacrários dessa especial devoção, podemos descobrir, já no século XVIII, “um homem de fogo, dotado do espírito e da força de Elias: São Luís Maria Grignon de Montfort”.¹⁰ Cabia-lhe proclamar aos quatro ventos o segredo custodiado pelo filão marial: “fazer-se es-

cravo amoroso da Santíssima Virgem, a fim, de, por esse meio, ser mais perfeitamente escravo de Jesus Cristo”.¹¹

Até o fim do mundo

Depois do Apóstolo de Maria, findou essa raça da Virgem que A perpetua nos momentos de maior catástrofe moral? Não.

No próprio livro em que revela tal escravidão, São Luís profetiza também aqueles que seriam os postremos elos da corrente marial: “Estes serão os verdadeiros apóstolos dos últimos tempos, [...] que portarão sobre seus ombros o estandarte ensanguentado da Cruz, o crucifixo na mão direita, o Rosário na esquerda. [...] Eis os grandes homens que virão e que Maria formará, por ordem do Altíssimo, para estender seu império sobre o dos ímpios”.¹²

Só isso explica que, segundo os Padres da Igreja, Elias “virá no segundo advento do Salvador”.¹³ Será seu espírito, a bem dizer o espírito dos escravos de Maria, que enfrentará o anticristo (cf. Ap 11, 3-12). Mas, como “já há muitos anticristos” (I Jo 2, 18), não é possível que a Mãe e Senhora desampare os seus filhos e devotos. Por isso, “na convulsionada época em que vivemos, semelhante a uma noite profunda, devemos pedir a graça de que esse espírito de Elias volte a brilhar sobre o mundo”.¹⁴ ✠

¹ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.III, p.316.

² FANTI, Bartolomé; XIBERTA, OCarm, M. *La fiesta de la Virgen del Carmen*, apud LÓPEZ MELÚS, OCarm, Rafael María. *El profeta San Elías. Padre espiritual del Carmelo*. Onda: Amacar, 1986, p.138.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 20/7/1983.

⁴ CASSIANO. *Collationes*. Collatio XVIII, n.6: CSEL 13, 512.

⁵ LHOUMEAU, Antonin. *La vie spirituelle à l'école du Bienheureux L.-M. Grignon de Montfort*. 4.ed. Tours: Alfred Mame et Fils, 1920, p.221.

⁶ CLÁ DIAS, EP., João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.III, p.56.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. Amparo, 26/2/1966.

⁸ CLÁ DIAS, *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*, op. cit., p.52.

⁹ Ver artigo *No corpo, livre pelo milagre; na alma, pela escravidão*, nesta edição.

¹⁰ CLÁ DIAS, *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*, op. cit., p.105.

¹¹ SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Tra-*

tado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem, n.75.

¹² Ibid., n.58-59.

¹³ SÃO JERÔNIMO. *Comentários ao Evangelho de São Mateus*, L.III, c.17: PL 26, 124; cf. SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *Epístola 193*, c.III, n.5.

¹⁴ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Quando retornará Elias? In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.VII, p.85.



Guardai-vos dos falsos profetas!



Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP

A fraude convive com a humanidade desde a queda no Paraíso: o pecado original surgiu justamente mediante um embuste da Serpente e seus estragos não terminaram ali... Após Sara rir da promessa divina de que geraria um filho na velhice, mentiu a Deus escusando-se de ter cometido tamanha leviandade (cf. Gn 18, 10-15). Os irmãos de José ludibriaram Jacó, ao sugerirem que seu filho predileto havia sido devorado por uma fera (cf. Gn 37, 33). Por fim, o próprio deicídio foi comprado pela impostura de Judas, o traidor por antonomásia.

Se endêmica resulta a farsa na História, a aversão a ela não parece menos universal. Célebre é a sentença de Santo Agostinho: “Tenho experiência de muitos que querem enganar, mas de ninguém que queira ser enganado” (*Confissões*. L.X, c.23, n.33). Há, claro, muitos níveis de distorção da verdade. A pior de todas é, sem dúvida, a de índole religiosa pois, como ele comenta em outra obra, constitui “a mentira capital, e a primeira a ser evitada” (*A mentira*, c.XIV, n.25).

Por esse prisma, no dia 14 de julho de 1269, São Tomás de Aquino profetizou uma pregação sobre a seguinte passagem do Evangelho de São Mateus: “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós em vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os conhecereis” (7, 15-16). Esse sermão ficou conhecido pelo *incipit* em latim do primeiro versículo: *Attendite a falsis prophetis*.¹

Como discernir um falso profeta?

A intenção do Aquinate com a pré-dica é cristalina: precaver os ouvintes contra as insídias dos malfetores, em particular a sua espécie mais nociva, a dos falsos profetas. Assim, para melhor compreendê-los, começa por definir a natureza do verdadeiro profeta.

O termo *profeta* admite quatro acepções: 1) a pessoa *objeto* da divina revelação; 2) aquele que *compreende* as coisas reveladas; 3) aquele que *recita*

Antes de tudo, os falsos profetas não ensinam, iludem. Já a autêntica profecia é centrada na verdade. Ao deturpá-la, o heresiarca Ário conquistou adeptos, pretendendo “corrigir” a própria doutrina de Cristo (cf. 1.3.1). Ora, quantos na História, até nossos dias, não trilharam as mesmas veredas, ao propalar uma moral antagônica ao Evangelho? Falsos profetas!

Os pseudoprefetas são também relativistas: “afirmam que o bem é mal e que o mal é bem” (1.3.1). Aqui o Aquinate não se refere apenas aos publicitários do erro descarado, mas também aos sutis maquiadores da verdade, que agem conforme a conveniência pessoal. É o caso daquele que profere um falso elogio, para minimizar as conquistas reais do próximo, ou daquele que, sob interpretação adulterada da vocação consagrada, “impede outros de entrar na vida religiosa” (1.3.1). Trata-se de um “ensinamento errôneo e pérfido” (*Contra retrahentes*, c.XVI).

A falsidade da inspiração constitui, outrossim, indício patente para o discernimento da profecia. Isso ocorre quando o sujeito não é mais movido pelo Divino Paráclito, mas pelo diabo – conforme aponta Jeremias: “Os profetas profetizaram por Baal” (2, 8) –, ou por seu próprio espírito, conduta duramente reprovada pelo Senhor: “Ai dos profetas insensatos, que seguem o seu próprio espírito e nada veem” (Ez 13, 3).

Sob essa perspectiva, São Tomás desmascara os bufões autoproclamados sábios: repetem com empáfia as

Os falsos profetas não ensinam, iludem. Relativistas, disfarçam-se sob vestes de ovelhas e utilizam argumentos sofistas para menoscar a Fé

as coisas reveladas; 4) aquele que *faz milagres*, como Eliseu, que morto “profetizava” (Eccl 48, 14), isto é, “fazia milagres proféticos” (1.2.4). O próprio Cristo foi reputado como profeta pelos judeus em virtude dos prodígios que operava (cf. Lc 7, 16).

Determinado esse padrão, como identificar então um falso profeta? O Doutor Angélico oferece quatro critérios de falsidade: da doutrina, da inspiração, da intenção e da vida.

elucubrações dos sofistas, menoscabando ao mesmo tempo a Fé. Falsos profetas! Desdenhando deles, o Aquinate assevera: “Uma velhinha de hoje sabe mais sobre as coisas que dizem respeito à Fé do que todos os filósofos de outrora” (1.3.2.b).

Quanto à intenção, o juízo mostra-se severo. O afã por lucro, por vantagens temporais ou pela fama são sinais inequívocos de embuste, como a maquiavelice de Simão Mago (cf. At 8, 9-24). O Doutor Angélico compara esse pecado ao adultério, pois tal dissimulação adultera a Palavra de Deus.

Por fim, ao contrário de Cristo, que “começou por agir e ensinar” (At 1, 1), o falso profeta “ensina uma coisa, mas vive outra” (1.3.4). A conduta do verdadeiro profeta é sempre congruente com a sua mensagem.

Vestes das ovelhas: insídias dos falsos profetas

Os falsos profetas se disfarçam sob as vestes das ovelhas, a fim de ocultar a malícia sob a máscara da virtude. Por esse ardil, “enganarão muita gente” (Mt 24, 5), formando até uma “geração má” (Mt 16, 4).

Enquanto as verdadeiras ovelhas ouvem a voz do Bom Pastor (cf. Jo 10, 27), as impostoras se fantasiam de santidade. O propósito é nítido: engambelar os bons. Para tanto, valem-se de quatro fictícias “vestes”: a adoração, a justiça, a penitência e a inocência.

Com a “veste” da adoração, os lobos travestidos de ovelhas usurpam o lugar do Pastor. Como ambicionam ser vistos pelos homens em suas orações (cf. Mt 6, 5), acabam por exigir para si o culto exclusivo a Deus; por conseguinte, bem podem ser denominados “falsos cristos” (Mt 24, 24).

A “veste” da justiça tem as costuras do modelo farisaico, que exige palco para pavonear-se: “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. [...] Quando deres esmola, não tocai trombetas, como fazem os hipócritas” (Mt 6, 1-2).

A “veste” da penitência é arremedo de virtude, pura exterioridade. O jejum não serve à mortificação da carne ou ao progresso espiritual, mas à exibição pública. É preciso circunspecção, pois “pode pertencer à jactância o fato de uma pessoa se utilizar de uma veste mais pobre do que exige seu estado” (2.2.3). O orgulho não se paramenta apenas de trajes suntuosos, mas pode se fantasiar de falso pauperismo, sob aparência de austeridade.

Por fim, há a “veste” da inocência. Os lobos aparentam pureza, mas são como “sepulcros caiados [...] cheios de ossos de mortos e de toda podridão” (Mt 23, 27).

Os lobos são hipócritas: como desmascará-los?

O hipócrita é um predador: assim como o lobo persegue o rebanho, ele rapina os bens do corpo e da alma. A ira lupina mostra-se impiedosa: busca dispersar as ovelhas (cf. Jo 10, 12), não poupando esforço para abocanhá-las; sua voracidade é insaciável (cf. At 20, 29).

A precaução principal da ovelha consiste no discernimento, cuja regra de ouro nos legou o Divino Mestre: “Por seus frutos os conhecereis”. Se “o fruto do Espírito é alegria, amor e paz” (Gl 5, 22), o fruto dessas feras só pode ser podridão.

Nelas não reside a caridade, mas ambição sem freios: querem sempre os primeiros lugares (cf. Mt 23, 6).

Além disso, “a boca fala daquilo de que o coração está cheio” (Mt 12, 34). As palavras desses charlatães são reflexo de seu interior. Podem até proferir verdades, articular discursos eloquentes, mas, cedo ou tarde, a máscara cairá.

A alcateia do mal, sempre à espreita para escamotear os incautos, é reconhecível pelas obras. Ela se revela pela agitação e pela impaciência pois, como ensina o Livro dos Provérbios, “os frutos do ímpio são inquietação; [...] a doutrina de um homem se conhece pela paciência” (15, 6; 19, 11).

Os lobos em pele de ovelha continuarão a existir até a vinda definitiva de Cristo. Eles “farão sinais e prodígios capazes de enganar, se possível, até os eleitos. Prestai atenção! Eu vos preveni de tudo” (Mc 13, 22-23). Se ingentes são as maquinações desses falsos profetas, maiores ainda devem ser os antidotos para combatê-los. De nossa parte, tudo se define pela fidelidade: “Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fê” (I Jo 5, 4). ✚

¹ A divisão do texto é baseada na tradução publicada em: *Lumen Veritatis*. São Paulo. Ano X. N.38 (jan.-mar., 2017), p.101-117.

À maneira de um lobo insaciavelmente voraz que persegue o rebanho com o fim de dispersar as ovelhas e abocanhá-las, o hipócrita rapina os bens do corpo e da alma

“O lobo e a ovelha”, por Jean-Baptiste Oudry

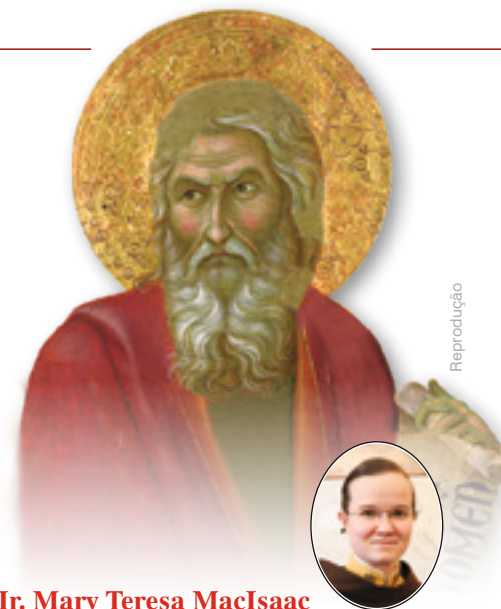




O profeta messiânico

Isaías iluminou a história do povo hebreu, enriqueceu a Escritura com suas magníficas profecias e, mais do que isso, proclamou as glórias do Messias e da Igreja com a própria vida.

✠ Ir. Mary Teresa MacIsaac



Elogiado pela Sagrada Escritura como “santo profeta” e “fiel aos olhos do Senhor” (Eclo 48, 23.25), Isaías é reconhecido pela longa duração de sua vida pública e pelo rico conteúdo de seus escritos. Considerado o primeiro dos quatro profetas maiores do Antigo Testamento, ele foi um varão-chave na História hebraica e ardoroso anunciador da salvação messiânica. Seu nome, muito a propósito, significa Deus salva.

Como é próprio à vocação profética, seus vaticínios transcendem o contexto imediato de seu tempo: aplica-se a Nosso Senhor Jesus Cristo e à obra redentora realizada por Ele, assim como à trajetória da Santa Igreja. Suas profecias projetam luz, inclusive, sobre os dias em que vivemos.

Um olhar aprofundado sobre sua vida e missão nos ajudará a compreender melhor seus escritos, frequentes nas leituras da Santa Missa e da Liturgia das Horas, bem como nos revelará a grandeza dos planos de Deus traçados para a humanidade.

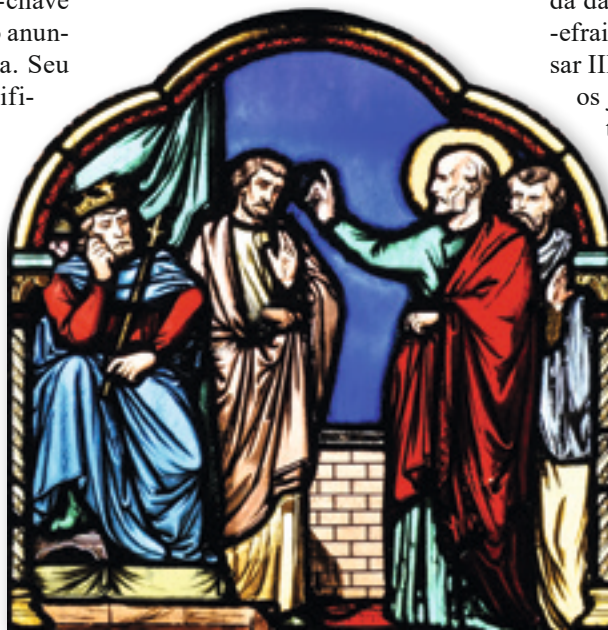
Profeta da esperança

Filho de Amós (cf. Is 1, 1; 2, 1), Isaías nasceu por volta de 770-760 a.C. Seus escritos e suas indicações precisas sobre Jerusalém dão-nos a entender que ele é originário da capital de Judá, pois denotam uma cultura superior, dificilmente adquirida em cidades menores.

Seu ministério profético iniciou-se durante o reinado de Ozias; em 740 a.C. – ano da morte do monarca –, o jovem profeta, com cerca de vinte anos, já exercia sua missão em Jerusalém, estendendo-a pelos reinados de Joatã, Acáz e Ezequias.¹

Isaías viveu numa época conturbada da História hebraica: a crise siro-efraimita e a invasão de Teglath-Falasar III,² rei dos assírios. Em sua terra, os judeus encontravam-se num estado de grande relaxamento moral e religioso. Nesse cenário, a pregação do profeta assume duas vertentes: o ânimo ao povo contra os inimigos, com a promessa da vinda do Salvador – é o período das profecias sobre o Emanuel, o “Deus conosco” (Is 7, 14; cf. Mt 1, 20-23) –, e a veemente repreensão pelo estado de desamor ao Senhor.

Isaías se refere a Deus, enfaticamente, como “o Santo de Israel” (10, 20), para exortar o povo a ser santo como Ele é santo. Em seus oráculos, o Senhor é apresentado envolto em majestade, entronizado como Rei do universo e Juiz das nações e, em particular, do povo eleito.



Isaías viveu numa época conturbada da História hebraica. Em sua terra, os judeus encontravam-se em estado de grande relaxamento moral e religioso

O profeta diante do Rei Ozias - Igreja do Sagrado Coração, Moulins (França); acima, Isaías, por Ugolino di Nerio - Galeria Nacional, Londres

Entre palavras de temor e esperança, o profeta reanima os filhos de Davi, convocando-os às veredas da virtude; mas não hesita em anunciar a ruína de Israel e de Judá como consequência necessária das infidelidades. No capítulo terceiro de seu livro, por exemplo, profetiza a anarquia que se estabelecerá em Judá por ocasião da invasão dos babilônios: “Eis que o Senhor, Deus dos exércitos, vai tirar de Jerusalém e de Judá todo sustentáculo, todo recurso: toda a reserva de pão e toda a reserva de água, o valente e o guerreiro, o juiz e o profeta, o adivinho e o ancião, o chefe de cinquenta, o grande e o conselheiro, aquele que possui segredos, e se dedica aos sortilégios. Por príncipes eu lhes darei meninos, e adolescentes deterão o poder sobre eles” (Is 3,1-4).

Vaticínios eternos

Essa foi, em linhas gerais, a conjuntura histórica da atuação de Isaías. Entretanto, ao ler os seus escritos, percebe-se que Deus tinha uma intenção mais ampla com a pregação do profeta. Suas palavras possuem duas pistas de interpretação: uma relativa ao tempo em que ele vivia; outra, ao futuro.

O início de sua missão profética é exemplo disso. Numa visão mística, um serafim toca seus lábios com uma brasa e o envia a profetizar. O mensageiro celeste manda-o anunciar que, por castigo divino, as cidades do povo eleito ficariam desertas, as casas vazias e os terrenos abandonados (cf. Is 6, 11). Conclui, afirmando: “Mas se sobrar apenas uma décima parte, se, mais uma vez, for cortado como carvalho, que, depois de derrubado, só deixa o toco, esse toco ainda será uma semente sagrada” (Is 6, 13).

Esse trecho, além de aplicar-se à situação concreta dos hebreus naquele momento, guarda uma profunda relação com a futura fundação da Santa

Igreja. Nosso Senhor Jesus Cristo estabeleceu sua Igreja a partir do “resto de Israel” (Jr 31, 7), a “décima parte” considerada como seu povo eleito e tornada “semente sagrada”, para criar raízes pela terra inteira.

Outro oráculo isaiano aplica-se claramente à figura do Messias e da Igreja.

O profeta se dirige à Sobna, ministro do palácio, e anuncia-lhe que os seus

confissão da verdadeira fé. Essa chave, o Salvador a carregou sobre os ombros até o cume do Gólgota, e assim não poderá jamais ser “fechado” aquilo que Ele obteve ao preço de seu Sangue, ou seja, o perdão dos pecados e demais frutos da Redenção.

Ameaça contra o sacerdócio hebraico

Essa mesma profecia segue alertando sobre o ocaso da autoridade sacerdotal hebraica. No início da pericope, Deus ordena: “Vai ter com aquele que habita o Tabernáculo” (Is 22, 15 Vulg.), e descreve a imagem de um prego cravado em lugar firme, símbolo de estabilidade e honra. Depois, anuncia: “Naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, o prego, fincado em lugar firme, cederá, arrancar-se-á e cairá, e toda a carga que ele sustentava será feita em pedaços” (Is 22, 25).

Mais uma vez encontramos as palavras de Isaías coroadas de dois sentidos paralelos, pois essa profecia também se cumpre, e talvez até com maior propriedade, no anúncio do sacudir das sandálias dos Apóstolos diante da rejeição da pregação no nome de Jesus (cf. Mt 10, 14), bem como na lamentação do Salvador diante da Cidade Santa: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados! Quantas vezes Eu quis reunir teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo de suas asas... e tu não quiseste! Pois bem, a vossa casa vos é deixada deserta. Porque Eu vos digo: já não Me vereis de hoje em diante, até que digais: Bendito seja Aquele que vem em nome do Senhor” (Mt 23, 37-39).

“A glória do Senhor manifestar-se-á”

São igualmente eloquentes os trechos em que o profeta exorta os israelitas à confiança, prometendo a



Percebe-se, nos escritos de Isaías, que Deus tinha uma intenção mais ampla com a pregação do profeta

O profeta Isaías, por Matija Bradaška - Igreja de São Pedro, Črnomelj (Eslovênia)

poderes seriam transferidos a Eliacim, filho de Helcias (cf. Is 22, 15-22), afirmando que este se revestiria com a sua túnica e se cingiria com o seu cinto. Por fim, profetiza: “Porei sobre seus ombros a chave da casa de Davi; se ele abrir, ninguém fechará, se fechar, ninguém abrirá” (Is 22, 22).

São Jerônimo³ comenta que o nome Eliacim significa *Deus ressurrecto* ou *Ressurreição de Deus*. O Santo Doutor relaciona a expulsão de Sobna do ministério com a transição da Antiga Aliança à Igreja Católica, na qual está a

intervenção divina nos acontecimentos, em seu favor. Suas descrições transcendem a cronologia imediata e alinham-se, com precisão admirável, à fundação da Santa Igreja: a nova “raça eleita” e “nação santa” (I Pd 2, 9) que, unida por um só Batismo e uma só fé, converter-se-ia em sinal sensível da glória de Deus entre as nações, trazendo a todo o orbe a alegria da salvação e o perdão dos pecados.

Nesse sentido, é incomparável a exortação inundada de esperança que inaugura o capítulo 40, imortalizada pelos movimentos iniciais do oratório musical *The Messiah*, de Georg Friedrich Händel: “Consolai, consolai meu povo”, diz vosso Deus. Animai Jerusalém, dizei-lhe bem alto que suas lidas estão terminadas, que sua falta está expiada, que recebeu, da mão do Senhor, pena dupla por todos os seus pecados. Uma voz exclama: ‘Abri no deserto um caminho para o Senhor, traçai reta na estepe uma pista para nosso Deus. Que todo vale seja aterrado, que toda montanha e colina sejam abaixadas: que os cimos sejam aplainados, que as escarpas sejam niveladas!’ Então a glória do Senhor manifestar-se-á; todas as criaturas juntas apreciarão o esplendor, porque a boca do Senhor o prometeu” (Is 40, 1-5).

Isaías, uma profecia viva

Característica distintiva do múnus profético, observada também em personagens como Oseias, é a vida do profeta ser um tecido de sinais simbólicos. Deus não apenas fala por meio de Isaías; Ele o faz encarnar, na própria trajetória pessoal e familiar, a substân-

cia de sua mensagem. O profeta torna-se, ele mesmo, uma profecia viva.

Exemplo disso foram os nomes dados por Isaías a seus dois filhos. Um deles chamava-se Sear Iasub, que significa *um resto voltará* (cf. Is 7, 3), promessa repetida diversas vezes em suas profecias em relação a uma porção escolhida do povo eleito que sobreviveria ao castigo divino e seria fiel ao Senhor.

O outro filho chamava-se Maher Salal Jas Baz, que quer dizer *furto rápido, saqueio ligeiro* (cf. Is 8, 1). Sobre ele, Deus disse ao profeta: “Chama-o Maher Salal Jas Baz, porque antes que o menino saiba dizer ‘papai’ e ‘mamãe’, as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria serão carregados diante do rei da Assíria” (Is 8, 3-4).

No entanto, muito mais do que na onomástica de sua descendência, foi na própria vida que Isaías personi-

ficou suas profecias, por aquilo que padeceu e pelo cumprimento íntegro da vontade divina. Encontramos em seus escritos o famoso oráculo sobre o Servo sofredor, figura interpretada pela exegese cristã como o Messias. O Senhor quis macerá-Lo com sofrimentos expiatórios, consolidando uma descendência duradoura e realizando com êxito os designios de Deus (cf. Is 53, 10).

O profeta não apenas previu esse mistério, mas antecipou a *via crucis* de seu Senhor. Com efeito, ao trilhar um caminho de fidelidade irreparável, sofreu perseguições que culminaram no martírio: segundo a tradição, foi serrado ao meio por ordem do Rei Manassés,

por volta do ano 668 a.C. Cumpriu assim plenamente sua vocação, proclamando as glórias do Salvador quase oito séculos antes de Ele nascer. ✠

¹ Cf. SCHUSTER, Ignacio; HOLZAMER, Juan B. *Historia Bíblica. Exposición documental fundada en las investigaciones científicas modernas*. Barcelona: Editorial Litúrgica Española, 1934, t.I, p.630-631.

² Teglat-Falasar III iniciou uma campanha militar contra a Síria, a Fenícia e a Palestina. Síria e Israel (denominado como Efraim, por ser esta a tribo mais influente do reino do norte) procuraram unir-se ao reino de Judá para se libertarem do pagamento de certos tributos, mas Acáz, rei de Judá, negou-se. Por isso, Síria e Israel invadiram Judá. A crise siro-efraimita foi, portanto, a situação decorrente desses enfrentamentos militares.

³ Cf. SÃO JERÔNIMO. *Comentário a Isaías*. L.VII, n.306.



Eloquentes são os trechos em que o profeta exorta os israelitas à confiança, prometendo a intervenção divina nos acontecimentos, em seu favor

Visão de Isaías - Igreja de Nossa Senhora do Bom Socorro, Neuviy (França)



Participação dos leigos no *múnus profético* de Cristo

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§904 Cristo exerce seu *múnus profético* não somente por meio da hierarquia mas também por meio dos leigos, fazendo deles testemunhas e provendo-os do senso da fé e da graça da palavra.

Neste parágrafo, o *Catecismo* ensina que o Salvador exerce sua missão profética não apenas por meio dos ministros ordenados, mas também através dos leigos, os quais, pelo Batismo, incorporam-se a Nosso Senhor e participam do seu tríplice *múnus*: o sacerdotal, o profético e o régio.

O que significa participar do *múnus profético* de Cristo? Seguindo o exemplo dos antigos profetas e o modelo supremo do Divino Redentor, o leigo exerce esse *múnus* em dois aspectos complementares.

Primeiramente, cabe-lhe a *proclamação* dos direitos de Deus e da plena obediência a Ele devida. Ao exortar seus contemporâneos à conversão, promove o reinado de Cristo nos corações e em toda a sociedade.¹

Em segundo lugar, para a conquista de tais objetivos, essa missão se desempenha pela *denúncia* dos obstáculos, em particular, o pecado. Como sublinha o próprio *Catecismo*, “aos olhos da fé, nenhum mal é mais grave que o pecado, e nada tem consequências piores para os próprios pecadores, e para a Igreja e para o mundo inteiro”.² É mister desfazer o equívoco de que o profeta é um mero previsor do futuro; na verdade, conforme atestam as Escrituras e as hagiografias, a essência do profetismo consiste na tradução da “voz de Deus” para o presente, ao apontar o erro e convocar os homens à conversão.

Eis um verdadeiro e autêntico programa de vida. Embora as circunstâncias de atuação no século sejam inumeráveis, dois âmbitos revelam-se de capital transcendência na vida “profética” dos leigos:

1) O testemunho de coerência no ambiente social: o leigo glorifica a Deus ao observar os Mandamentos no tecido das relações cotidianas. O anúncio mais eloquente é a integridade, ou seja, a harmonia entre o discurso e a conduta, conforme exorta São João: “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1 Jo 3, 18).

2) O testemunho na Igreja doméstica: no seio familiar, o leigo exerce seu profetismo ao edificar um lar impregnado de fé e piedade. Nele deve reinar a caridade mútua entre os cônjuges, da qual emanará o bom exemplo para os filhos, a fim de que aprendam ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-14).

Os profetas, como mensageiros prediletos do Altíssimo, foram antes de tudo varões de profunda oração. No colóquio íntimo com o Senhor, receberam luzes para discernir a verdade e força para proclamá-la. De modo análogo,

somente pelas súplicas assíduas – em especial pela mediação da Rainha dos Profetas – e a frequência aos Sacramentos é que os leigos receberão as graças necessárias para tornar a vida secular condiscente a seu encargo profético, como autêntico eco da Palavra de Deus. ✠

¹ Cf. PIO XI. *Quas primas*, n.34.

² CCE 1488.

Traduzindo a voz de Deus para o presente ao observar os Mandamentos e edificar um lar impregnado de fé e piedade, o leigo exerce seu *múnus profético*

Sant’Ana ensina os Mandamentos a Maria menina - Igreja Notre-Dame de la Tronchaye, Rochefort-en-Terre (França)





O sapo, o leão e a Cruz...

Desde as bandeiras dos países até os logotipos de empresas multinacionais, resquícios da esquecida arte da heráldica permeiam nosso dia a dia.

✠ Íñigo María de Oyarzábal Gutiérrez-Barquín



Osapo transformado em príncipe: eis uma das fábulas perante as quais a História se curva, pois nela o maravilhoso se une ousadamente ao real. De acordo com o mito gaulês, quando o bárbaro Rei Clóvis (c. 466-511) estava prestes a travar decisiva batalha, veio-lhe ao encontro um ermitão trazendo um comunicado do Céu. Um Anjo ordenava ao monarca, nem sequer batizado, que mandasse substituir o seu emblema real – três sapos sobre um fundo vermelho! – por um símbolo que, desde então, representaria o rei dos francos: a flor de lis.¹

Pergunta: era estritamente necessária essa modificação no régio estandarte para vencer a batalha? Talvez não. Mas a questão, na verdade, é outra: podia Clóvis por acaso conservar seus sapos no momento de abraçar a Fé Católica?

Da resposta que aflora implacável aos lábios batizados segue que a troca ali operada não foi uma mera providência prática: foi sobretudo uma medida prática providencial. Por quê?

A arte dos símbolos

Muito mais do que a simplificação do formato de um lírio, a flor de lis é um símbolo. E o símbolo, por natureza, associa na mente duas realidades: a existen-

te em si, como uma planta ou um animal, e aquilo que ela representa. Assim, pode-se falar da pureza do lírio ou da realeza do leão, não por estes possuírem em si essas características, mas porque o homem descobre neles significados mais profundos pelo recurso da analogia.

“A importância dos símbolos é tão grande que Deus, para dar aos homens

símbolos que os levassem a amá-Lo, fez toda a criação”,² afirmou Dr. Plínio. Ora, a arte que faz uso de emblemas simbólicos em brasões para representar pessoas, linhagens e até nações chama-se heráldica. Trata-se de uma espécie de catapulta que nos faz voar do visível ao invisível, de realidades palpáveis a considerações superiores.

Ainda hoje, resquícios dessa olvidada arte – presentes nas flâmulas dos países, em escudos episcopais e até nos logotipos de empresas multinacionais – permeiam nosso dia a dia, atravessando os séculos... pois a origem da heráldica é milenar.

Dos campos de batalha aos palácios e corporações

Cavalos relinchando, metais que se entrecrocavam, brados lancinantes de sofrimento ou alaridos de vitória a ressoar pela planície... em meio à desordem de uma batalha, é fundamental reconhecer os próprios aliados e fazer-se distinguir com facilidade. Por isso, os cavaleiros medievais começaram a estampar em suas roupas e escudos certas figuras, para se identificarem. Como no escudo o emblema ficava mais visível, tais representações foram batizadas com o nome de “escudos de armas”. A heráldica expressava seus



A heráldica é uma espécie de catapulta que nos faz voar do visível ao invisível, de realidades palpáveis a considerações superiores

“Clóvis recebe a flor de lis”, por Mestre de Bedford - Biblioteca Britânica, Londres

primeiros vagidos entre os brados de guerra e as dores da agonia...

A eleição da figura e das cores – que tinham um fim fundamentalmente prático – trouxe consigo o desejo de retratar o cavaleiro que as portava da mais bela forma possível. O leão, rei dos animais, imperou nessa época também na heráldica como figura preferida, aparecendo em cerca de quinze por cento dos brasões europeus.³ E estes, com o correr do tempo, passaram a representar não só o guerreiro, como as famílias, os prelados, as comunidades civis e religiosas... Saía a heráldica dos campos de batalha abertos e se sentava junto à lareira das casas, nos palácios episcopais e, enfim, em diversas corporações.

Com a proliferação dos brasões, começou a haver – século XIII adiantado – disputas por insígnias mais belas e, por isso, mais concorridas. Foi, pois, necessário estabelecer certas regras para sua confecção. Uma vez que os reis decidiram que os responsáveis por esse trabalho seriam os arautos – oficiais das monarquias medievais –, tal arte ficou conhecida como heráldica.

Dez milhões de brasões

Com o tempo, os brasões passaram a permear toda a sociedade, desde a corte real até os mais simples artesãos. No catálogo de Bellenville, datado do século XIV, constam mais de mil e trezentos escudos significativos de toda a Europa. Entre os séculos XVI e XVIII, chegam a se identificar quase dez milhões!⁴

“O bem é difusivo por si mesmo”, recita o antigo adágio. De fato, qual foi a “publicidade” feita para que os escudos heráldicos se propagassem pela

Europa? Parece que sua proliferação se deve simplesmente ao espírito maravilhoso e “maravilhável” daquelas gentes. Se a nossa sociedade – digamolo à guisa de parêntese – tivesse por moda tal procura da sacralidade e da perfeição até nas coisas aparentemente supérfluas, tão própria às almas inocentes, quicá não houvesse perdido certa alegria e dignidade que tanto caracterizaram a vida de outrora.

Infelizmente, se “o abuso não tolhe o uso”, ao menos o desgasta. Com o passar do tempo, a heráldica tornou-se palanque de vaidades, onde os nobres alardeavam linhagens e gabavam-se de suas proezas. Mas o Onipresente não tinha mais espaço nela...

Assim era o escudo confeccionado no século XIX por Ricardo Plantagenet, marquês de Chandos, composto por nada menos que setecentos e dezenove quartéis, símbolos de sua ascendência.⁵ Das representações dos ideais nobres de outrora passou-se à extravagância, que, de tão exagerada, perdeu o seu significado mais profundo.

Mas, hoje, terá a heráldica alguma utilidade?

O escudo de armas de Deus

O leão alado, a águia de duas cabeças: eis duas imagens fascinantes que só existem na heráldica. Entretanto, há uma figura muito mais mítica e transcendente, e foi esta que Deus escolheu para Si.

Houve quem tentasse confeccionar um escudo de armas imaginário, que pudesse pertencer à Santíssima Trindade.⁶ Mas, muitos séculos antes, o Senhor mesmo já talhara o seu próprio emblema: a cruz.



GiMa38 (CC by-sa 3.0)

“Os católicos tomaram a cruz como sinal de honra, como símbolo de quanto há de mais sagrado”

Brasão de armas de György Császka, Bispo de Spiš - Igreja da Imaculada Conceição, Starý Smokovec (Eslováquia); no alto da página, detalhe do escudo do marquês de Chandos

“Os católicos tomaram a cruz”, sublinha Dr. Plínio, “como sinal de honra, como símbolo de quanto há de mais sagrado e de mais santo. E aí se podem perceber três manifestações dos tempos de fé: a cruz colocada no alto das coroas; a cruz como sinal heráldico dos mais nobres galardões das famílias da alta aristocracia; a cruz posta como insígnia das condecorações”.⁷

Empunhemos, pois, como ufanos defensores da Fé, esse escudo de armas divino, do qual pende o próprio Jesus Cristo, à maneira de estandarte com o qual Ele investiu a cada um de seus discípulos: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-Me” (Lc 9, 23). ✠

¹ Cf. DEMOUY, Patrick. *Le sacre du Roi. Histoire, symbolique, cérémonial*. Strasbourg: La Nuée Bleue, 2016, p.46.

³ Cf. PASTOREAU, Michel. *Heraldry. Its Origins and Meaning*. London: Thames and Hudson, 2004, p.58.

⁵ Cf. MESSÍA DE LA CERDA Y PITA, Luis F. *Heráldica española. El diseño heráldico*. Madrid: Edimat, 1998, p.21.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 14/9/1965.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 25/5/1983.

⁴ Cf. *ibid.*, p.20; 25; 55.

⁶ Cf. PASTOREAU, op. cit., p.86.



Entretidas leituras com Dona Lucilia

Como boa mãe, ela soube aproveitar todas as circunstâncias para a formação moral de seus filhos: desde despreocupados passeios até a leitura de entretidas histórias infantis.



✧ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Na educação de uma criança desempenha importante papel a movimentação, porquanto tem ela natural necessidade de gastar as próprias energias: correr, saltar, jogar. Dona Lucilia procurava orientar bem as propensões dos filhos, a fim de a vulgaridade não lhes tomar conta do espírito, nem mesmo através desses aspectos correntes da vida como são as brincadeiras infantis.

Passeios germanicamente saudáveis...

Quase sempre era a *Fräulein* Mathilde Heldmann, a governanta alemã de Plínio e Rosée, que os acompanhava nos passeios, ora ao Parque Antártica, ora ao Jardim da Luz, o que ela fazia metodicamente, bem de acordo com o modo de ser germânico, obrigando por vezes o menino a fazer um pouco de exercício, pois não era ele muito dado a grandes esforços físicos. Plínio corria o mínimo indispensável para evitar maiores complicações com a governanta e poder, assim, retornar às distrações de sua preferência, como, por exemplo, contemplar o belo colorido das borboletas que, brincando com os raios de sol, despreocupadamente esvoaçavam por entre o arvoredo do parque.

Em outras ocasiões, indo passar temporadas na estância termal de Águas da

Prata, no interior de São Paulo, muito recomendada pelos médicos para aliviar problemas hepáticos, Dona Lucilia levava consigo os filhos.

Nem ali descurava a *Fräulein* os passeios, conquanto Dona Lucilia fi-



Reprodução

Das histórias de Bécassine, Dona Lucilia procurava tirar lições que ajudassem seus filhos a viver em sociedade

Plínio em Águas da Prata, com onze anos; nesta página e na seguinte, cenas das histórias de Bécassine

casse, por vezes, temerosa com o excesso de zelo demonstrado pela governanta. No entanto, após ouvir as razões dadas por esta, acabava por aquiescer, não sem guardar um fundo de preocu-

pação, com receio de as crianças não suportarem tanto esforço. Porém, tal não ocorria à mente da dedicada alemã. Conduzia pela mão os pequenos, um de cada lado, e lá ia contente, escalando com seu passo decidido os morros circundantes. Estava convicta de que um bom exercício só beneficiaria a saúde de seus pupilos, tanto mais ser o ar das alturas privilegiadamente puro.

Se as crianças, às vezes, demonstravam pouco entusiasmo por essas caminhadas, Dona Lucilia procurava compensar o necessário sacrifício com seu maternal afeto. Assim, para eles, a estadia em Águas da Prata não era destituída de entretenimentos mais apetecíveis, o melhor dos quais era a companhia de sua mãe, que ali tomava um colorido próprio, ao longo da leitura das histórias de Bécassine...

Em Águas da Prata, Bécassine

Com a finalidade de proporcionar uma boa leitura a Rosée, Dona Lucilia assinara, para alegria de sua filha, uma revista infantil francesa intitulada *Semaine de Suzette*. Esta trazia, em capítulos, as histórias de Bécassine, uma pitoresca e ingênua camponesa bretã, muito pouco dotada de inteligência, mas a quem não faltava grande dose de bom senso.

Nas histórias entrava um sem-número de outros personagens, representa-

tivos dos diversos tipos humanos da sociedade francesa de então. Um dos mais interessantes era, sem dúvida, *Madame la Marquise* de Grand-Air, senhora de um belo *château*, também na Bretanha, a quem Bécassine servia fiel e dedicadamente desde muito jovem. Destacava-se ainda a figura simpática do *oncle* Corentin, característico “notável” da pequena localidade de Clocher-les-Bécasses.

A história era narrada por meio de desenhos coloridos em quadrinhos, acompanhados do texto apropriado, o que tornava sua leitura muito atraente para as crianças. Hoje em dia estudiosos de sociologia franceses admitem que esses desenhos, atribuídos à verve e à pena do *commandant* Pinchon, têm o valor de verdadeiros documentos científicos.

Contudo, mais apreciados pelos pequenos ouvintes eram os comentários que, com fino senso psicológico, Dona Lucília entremeava na leitura, feita aliás em francês, para se aprimorarem numa língua que, segundo ela, toda pessoa culta e educada devia falar como segundo idioma. Ora elogiava a boa atitude tomada por alguém, tirando daí uma lição moral, ora descrevia os costumes da França e as regras de etiqueta, para seus filhos aos poucos aprenderem a viver em sociedade.

Entretidas horas de convívio

O amor materno não conhece limites, e Dona Lucília nunca achava demasiado o tempo que dedicava à educação dos pequenos, mesmo em prejuízo de sua comodidade pessoal.

Nas primeiras temporadas em Águas da Prata, Dona Lucília se hos-

pedava com a família no Hotel Costa, ocupando três quartos contíguos. A vida naquela então longínqua estância termal do interior de São Paulo era diferente da que a família levava na capital, sobretudo para as crianças. Estas ficavam um tanto livres das obrigações e lições dadas pela *Fräulein*, tendo mais tempo para estar com Dona Lucília.

A pequena cidade ficava como que dissolvida nas vastidões rurais da bucólica região, próxima de Poços de Caldas. O hotel era um simpático e tradicional estabelecimento, mas de construção tão antiga e imprópria, que da rua se podia olhar para dentro dos quartos, de tal modo ficavam baixas as janelas. Por isso, Dona Lucília mantinha as venezianas fechadas, pois, devido às suas frequentes indisposições hepáticas, passava longos períodos deitada.

Após a sesta das crianças, lá pelo meio da tarde, elas iam geralmente até o quarto da mãe, mantido na penumbra, cortada por discretos filetes de luz que se esgueiravam por entre as frestas das janelas. Abriam devagarinho a porta, acendiam o *abat-jour*, uma delas recostava-se ao lado de Dona Lucília, passava o braço por cima do travesseiro, e com a *Semaine de Suzette* já na mão, perguntava:

— Meu bem, vamos comentar Bécassine?

Seus filhos guardaram enormes saudades daquelas longas horas de ininterrupto convívio, enquanto o sol, que as venezianas filtravam, ia esmorecendo aos poucos até dar lugar à escuridão da noite, sem Dona Lucília em nenhum momento manifestar cansaço ou dar a entender às crianças terem chegado num momento inoportuno.

Redobradas manifestações de carinho

Certa vez, inverteram-se os papéis. Plínio adoeceu em Águas da Prata, ficando de cama. Todas as tardes, Dona Lucília, com o fascículo de Bécassine nas mãos, ia até o quarto de seu filho e, sentando-se a seu lado, comentava longamente as pitorescas aventuras da simpática camponesa bretã. Com seus delicados dedos, passava devagar as páginas da revista, enquanto sua melodiosa voz dourava aos olhos do menino as descrições.

Malgrado todos os desvelos de Dona Lucília, a doença de seu filho não passava. Começou por uma dor de garganta, depois apareceu uma erupção na pele e, por fim, o médico já não acertava o que fazer. Foi razão suficiente para ela redobrar as manifestações de carinho, ficando a maior parte do tempo junto a Plínio, com o intuito de lhe tornar menos enfadonho o arrastar das horas.

Não há dúvida que tão agradável companhia tornava célere o percurso dos ponteiros do relógio, transcorrendo assim dez inesquecíveis dias.

Mas este paraíso foi bruscamente interrompido por Dr. João Paulo, que, apesar dos temores de Dona Lucília, optou por drástica medida. Envolveu o filho num cobertor e, com a família, embarcou no trem para São Paulo. Ao descerem na estação da Luz, verificaram ter a doença desaparecido como por encanto. ✦

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.212-216



28 de agosto – Santo Agostinho de Hipona



Francisco Lecaros



Grande no pensamento, grande na santidade

Um paradigma na História da humanidade e da Igreja, cuja trajetória espiritual, intimamente ligada à temporal, lega-nos uma preciosa lição para nossa vida moderna.



✠ Ir. Maria Teresa Ribeiro Matos

“*Sicut Augustinus dicit* – como diz Agostinho”, tornou-se uma expressão frequente na pluma de São Tomás de Aquino. Por volta de três mil vezes o Bispo de Hipona é citado na *Suma Teológica*. Inúmeros documentos do Magistério Eclesiástico e tratados dogmáticos também se baseiam na doutrina daquele que sem dúvida é dos maiores luminares da Teologia. Teses ousadíssimas atravessam incontestes os séculos, devido apenas à autoridade daquele que as enunciou. Entretanto, talvez menos comentado do que *Augustinus dicit* seja o *Augustinus vixit*...

Como ele viveu? Como ensinou a viver? Dotado de grande inteligência e de não menor capacidade de amor, Santo Agostinho manteve seu modo de viver coerente com seu modo de pensar. Enquanto vivia entregue às paixões, seguiu a heresia de Mani; abraçando com fervor a doutrina verdadeira, como passou a viver?

Sob muitos aspectos, sua existência poderia ser analisada: desde profundos estudos filosóficos até minuciosos exames do processo espiritual, passando por considerações sobre a onipotência da ternura materna em oração. Em tudo isso, o Santo seria paradigma. Mas restringimo-nos a um dos seus mais elo-

quentes legados, imagem de cada fase de seu itinerário: como organizou seu modo de viver.

Nas vias do pecado

Tagaste era uma pequena cidade da Numídia, na África proconsular. Hoje chama-se Souk Ahras e encontra-se no extremo leste da Argélia, próximo da fronteira com a Tunísia. Nesse local nasceu Agostinho no dia 13 de novembro de 354, herdando de seu pai, Patrício, algo da cultura romana e de sua mãe, Mônica, uma semente de Fé Católica e de vida cristã. Porém, segundo os costumes da época, ele não recebeu o Batismo na infância.

Patrício era muito zeloso pela educação do menino, provendo tudo aquilo que o pudesse estabelecer bem no mundo. Entretanto, lamenta Agostinho: “Meu pai não se preocupava em saber se eu crescia aos teus olhos, meu Deus, e se vivia castamente, desde que fosse eloquente”.¹

Durante seus estudos em Madaura e Cartago, bem como num intervalo passado ociosamente em Tagaste, o jovem foi se entregando aos vícios, ora por vaidade, ora mesmo por malícia, apesar das advertências de sua mãe: “Desde a adolescência, ardi em

desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como animal a vários e tenebrosos amores! [...] Eu não ficava na medida justa das relações de alma para alma, dentro dos limites luminosos da amizade”.²

Por volta de um ano após sua chegada a Cartago, no ano 370, nasceu-lhe um filho, Adeodato, fruto de uma união pecaminosa, em cujos laços Agostinho permaneceu por longos anos.

Apesar disso, e talvez já pelas preces de Santa Mônica, despertou em sua alma um anseio pela busca da sabedoria ao ler a obra *Hortensius* de Cícero. Tal desejo ainda o levou às Sagradas Escrituras, que infelizmente logo rejeitou pelo que ele julgava simplicidade de estilo.³

Adesão ao maniqueísmo

Com amplitude de compreensão, Agostinho buscou uma doutrina que justificasse sua vida à mercê das paixões desregradadas.⁴ Aderiu então à heresia dos maniqueus e a ela se entregou com tanto ímpeto que arrastou consigo seu benfeitor, Romaniano, e um companheiro que seguiria suas pegadas tanto no erro quanto na conversão, Alípio.

Nove anos permanecerá Agostinho transviado da Fé, fazendo com sua con-

duta aumentar as lágrimas e as orações de sua mãe que, dirigindo-se a um Bispo para pedir-lhe que tentasse reconduzir seu filho ao bom caminho, ouviu esta resposta: “Vá e viva em paz, pois é impossível que possa perecer um filho de tantas lágrimas”.⁵

Fuga para a Itália

Ao concluir os estudos, nem Tagaste, nem mesmo Cartago satisfizeram ao novo mestre, que já reunia em torno de si um núcleo de discípulos. Agostinho decidiu ir ganhar fama em Roma, centro do mundo. Sua mãe sofreu ainda mais com tal decisão e, prevendo o desastre moral que a mudança significaria, decidiu acompanhá-lo. Ele, porém, arquitetara outros planos e, enganando-a cruelmente, fugiu: “Recusando voltar sem mim, eu a convenci com esforço a passar a noite numa capela dedicada a São Cipriano, vizinha ao lugar onde se achava nosso navio. Nessa mesma noite parti escondido, e ela ficou a chorar e a rezar”.⁶

Estando em Roma, Agostinho obteve do prefeito, Símaco, a nomeação para a cadeira de retórica em Milão, então cidade imperial, trasladando-se para lá com seus discípulos. Contudo, desta vez não era Agostinho quem realizava seus anseios... mas a Providência que traçava os planos para atender às lágrimas de sua mãe.

O encontro com a sabedoria

Agostinho mudou-se para Milão já completamente decepcionado com o maniqueísmo, que substituíra pelo ceticismo filosófico. Entretanto, algo, ou melhor, *alguém* o fez preferir a doutrina católica.

Um santo varão de nome Ambrósio ocupava a sede episcopal dessa cidade e sua sabedoria defluía para os fiéis pela eloquência de suas palavras, acompanhadas da beleza da Liturgia, dos hinos e dos Salmos. Santa Mônica – que ao encalço do filho fugidio atravessara também o Mediterrâneo –, fez-se logo amiga desse prelado e, pelas preces e santidade de ambos, a graça começou

a ganhar terreno naquela alma tão endurecida quanto amada.

Assistindo aos ofícios na catedral, e sobretudo analisando a pessoa de Santo Ambrósio, Agostinho intuía ter encontrado afinal a sabedoria, não de forma abstrata e conceitual, mas transposta para a vida, e deleitava-se inclusive em contemplar o Bispo trabalhar. Estava dado o primeiro passo; conversão definitiva, porém, ainda custaria a chegar.

Fazendo referência a Santo Ambrósio, ele assim relembra: “Nunca tinha oportunidade de consultar teu santo oráculo, que residia no coração dele, sobre minhas dúvidas, a menos que se tratasse de questões rápidas. No entanto, minhas perplexidades espirituais exigiam que eu o encontrasse disponível por muito tempo, para abrir-me com ele, o que não acontecia nunca”.⁷

Encanto pela vida monacal

Se a leitura de Plotino, traduzido ao latim por Mário Vitorino, em algo o ajudou na refutação dos erros maniqueus, foi sobretudo nas epístolas de São Paulo que Agostinho encontrou a verdade revelada e se desvaneceram suas dificuldades doutrinárias.

Foi então à procura de Simpliciano, venerável ancião a quem o próprio Ambrósio considerava como pai. Ele tivera a alegria de acompanhar o processo de conversão do tradutor das obras de Plotino e assistir com toda a cidade de Roma à sua solene profissão de fé e consequente renúncia à cátedra de retórica, fatos que narrou em detalhe.

Ao eco dessas narrativas, intenso desejo de imitá-lo invadiu a alma de Agostinho, mas sua vontade enfraquecida pelas paixões ainda não era livre para fazê-lo...

Analisando Santo Ambrósio, Agostinho intuía ter encontrado a sabedoria transposta para a vida

Santo Ambrósio - Catedral de São Justo e São Pastor, Narbonne (França); ao fundo, Catedral de Milão (Itália).

Na página anterior, Santo Agostinho, por Tomás Giner - Museu Alma Mater, Saragoça (Espanha)

Em outra ocasião um dignitário real, Ponticiano, foi visitá-lo. Vendo as cartas paulinas sobre a mesa do professor de retórica, sentiu-se animado a comentar com ele os prodígios de um novo estilo de vida iniciado por Antão e que já se propagara pela Europa, inclusive em Milão.

Ponticiano narrou até mesmo um episódio singular: dois amigos próximos seus, após visitarem uma daquelas nascentes comunidades, haviam decidido tudo deixar para segui-los, e suas noivas, sabendo do ocorrido, também abraçaram a virgindade.

A coragem desses jovens foi suficiente para despertar em Agostinho forte vergonha por seu estado de covardia perante as paixões carnis. Grande luta interior apoderou-se dele, pois a fraqueza de sua vontade debatia-se com a razão e recusava obedecer-lhe como os seus membros.

“Desencadeou-se uma grande tempestade portadora de copiosa torrente de lágrimas”⁸ que só se amainou quando, já



meio desesperado, ele foi até o jardim e abriu a Bíblia na seguinte passagem do Apóstolo: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13, 13-14). Dissiparam-se nele as trevas da dúvida e penetrou em seu coração a luz da certeza.

Rompendo imediatamente com a carreira e o noivado, firmado poucos anos antes por influência de sua mãe, Agostinho alistou-se entre os catecúmenos e, na Vigília Pascal de 387, iniciou uma nova vida pelas águas regeneradoras do Batismo, acompanhado pelo fiel amigo Alípio e pelo filho Adeodato.

Durante a preparação, Agostinho retirou-se com os seus para Cassiciacum, levando uma rotina de estudos e vida em comunidade. Tendo se tornado cristão, decidiu retornar para África e ali ser coerente com a Fé que abraçara.

Foi no porto de Óstia, à espera da embarcação que os levaria para sua terra, que Santa Mônica, sentindo sua missão cumprida ao ver o filho não só católico, mas até disposto a fazer-se religioso, rendeu tranquila sua alma a Deus.

Uma vida de perfeição

Pelos escritos do Santo Doutor, não é difícil entrever a grandeza de uma alma que não conhecia a mediocridade nem meias-verdades. Assim como, afastado de Deus, chegara aos extremos das paixões e da heresia como corolário, tendo abraçado a graça levaria sua vida ao extremo da perfeição, deixando moldar não só seu pensamento, mas seu modo de viver por ela.

O encanto pela vida monástica está descrito em uma de suas primeiras obras apologéticas, *De moribus Ecclesiae*, composta logo depois do Batismo, no tempo que permaneceu em Roma após os funerais de sua mãe.



Dissiparam-se em Agostinho as trevas da dúvida, penetrou em seu coração a luz da certeza e se iniciou uma nova vida pelo Batismo

Batismo de Santo Agostinho, por Felice Damiani (editada) - Igreja a ele dedicada em Gubbio (Itália)

Dirigindo-se à Igreja Católica, observa: “Mérito vosso é essa multidão de homens hospitalários, caritativos, misericordiosos, sábios, castos e santos, abrasados do amor de Deus a tal ponto que, em sua perfeita continência e incrível desprezo do mundo, deleitam-se na solidão”.⁹ E investindo seus antigos co-sectários, contra quem redige a obra, exclama: “Abraçai vós também, ó maniqueus, esses costumes e essa admirável pureza dos cristãos perfeitos que consideram um dever sagrado não apenas o louvor da castidade, mas também a sua prática. [...] A quem de vós está oculta essa multidão de cristãos, que a cada dia cresce, espalhada por todo o mundo, principalmente no Oriente e no Egito, e que leva uma vida de extrema continência?”¹⁰ Descrevendo as distintas atividades dos religiosos, Agostinho termina dizendo: “Estes costumes, esta vida, esta ordem, estas instituições,

ainda que eu quisesse, e fosse grande minha eloquência, não seria capaz de louvar dignamente”.¹¹

Esse passa a ser seu ideal de vida. Chegando a Tagaste, transforma a casa paterna em comunidade religiosa, à qual se incorporam muitos de seus discípulos.

“Vix monachus bonus...”

Pensava Agostinho abraçar a vida de recolhimento para sempre. Entretanto, sua virtude e sabedoria atraem a atenção de Valério, Bispo de Hipona, e apesar de sua relutância é ordenado sacerdote em 391, e Bispo coadjutor em 395.

Grande perplexidade: até então parecera incompatível a vida monástica com a atividade pastoral. O Santo, entretanto, conseguiu “unificar estreitamente a vida de clérigo à vida de monge”, na “simbiose estudo-contemplação-apostolado”,¹² acrescentando talvez mais um grau de perfeição a ambas as formas de vida. “Entre todas as formas do antigo monacato, a agostiniana é a que mais explicitamente sublinha a união da vida ascética com o sacerdócio ministerial e, por isso, o consequente empenho no estudo contínuo da ciência sagrada. [...] O sacerdócio é algo tão grande que apenas um bom monge – assim pensava Santo Agostinho – pode dar-nos um bom clérigo: *vix monachus bonus facit bonum clericum*”.¹³

Para tal, organizou um mosteiro-seminário onde os mais preparados eram escolhidos para o sacerdócio.¹⁴ Em pouco tempo, várias dioceses da África tinham à sua frente clérigos formados nesse meio: “Dez santos e veneráveis varões, continentes e muito doutos [...] enviou o Bem-Aventurado Agostinho, a pedido de várias igrejas, algumas de grande categoria. E eles também, seguindo o ideal daqueles santos, foram propagando igrejas e fundando mosteiros [...] não só por

todas as partes da África, mas inclusive para além do mar”.¹⁵

Rigor na observância da regra

Com tanta seriedade cuidava desses sacerdotes que muito lamentou-se quando um deles deixou testamento de seus bens ao morrer. Entristecido por vê-lo negligenciar assim o compromisso de pobreza evangélica assumido perante Deus, o Bispo, então com setenta e um anos, reuniu o seu clero e, expondo o caso, afirmou que mudaria sua decisão de só ordenar clérigos de vida comunitária, para que não fizessem um voto e depois não fossem capazes de o cumprir.¹⁶

O mau exemplo serviu para afervorá-los na entrega e, no sermão seguinte, Agostinho exclamaria com veemência ainda maior: “Do mesmo modo como afirmo que não privaria da condição de clérigo a quem quisesse permanecer aparte e viver de seus próprios bens, assim afirmo agora que, posto que com a ajuda de Deus aprouve-lhes viver em comum, a quem viva na hipocrisia e for encontrado possuindo algo próprio, não lhe permitirei legá-lo em testamento, mas o apagarei da lista dos clérigos. Apele contra mim em cem concílios, navegue contra mim para onde quiser, esteja onde puder, o Senhor me ajudará para que ele não possa ser clérigo onde eu for Bispo”.¹⁷

O Bispo de Hipona empenhou-se também na formação de uma comunidade feminina, sendo esta dirigida por sua própria irmã. Foi escrevendo para elas no ano de 423 que sua regra chegou até nós, precedida por sábias palavras de admoestação contra o espírito de revolta.¹⁸

Definindo os princípios da vida monástica – como a pobreza, a oração, o

jejum, a obediência e a castidade –, encontra-se na regra este conselho de sabedoria que muito encantou ao fundador dos Arautos, Mons. João: “Quando sairdes, andai juntos; quando voltardes, permaneei juntos. Em vosso proceder, em vosso porte, ao longo de todos os vossos deslocamentos, que nada em vós ofenda o olhar de ninguém, mas que tudo esteja de acordo com a santidade religiosa”.¹⁹

Nessa observância da regra ele viveu trinta e cinco anos enquanto Bispo-abade, realizando pregações, inúmeras controvérsias e disputas contra os hereges donatistas e pelagianos; participando de vários concílios; escrevendo numerosas obras, num total de noventa e seis títulos, os quais foram todos revistos por ele antes de sua morte.

Os vândalos cercavam Hipona havia já três meses quando o Santo Bispo entregou sua alma a Deus no ano de 430. Os bárbaros tudo destruíram da África romana, mas o exemplo de vida de Santo Agostinho, seus escritos e sua regra atravessaram os séculos, conhecendo um *renouveau* no século XIV e chegando até nossos dias; eles indicam aos clérigos e aos homens de todos os tempos um ideal de perfeição, de entrega, de santidade, e mostram a verdadeira profundidade de sua sabedoria. ✚



Alma que não conhecia mediocridade nem meias-verdades, tendo abraçado a graça, moldou segundo ela seu modo de viver

Santo Agostinho - Museu de Arte Religiosa, Cuzco (Peru)

¹ SANTO AGOSTINHO. Confissões. L.II, c.3, n.5. As citações literais da obra, reproduzidas no presente artigo, foram tomadas de: *Confissões*. 17.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

² Ibid., c.1-2.

³ Cf. ibid., L.III, c.4; c.5, n.9.

⁴ Cf. GOBRY, Ivan. *Saint Augustin*. Paris: Le Grand Livre du Mois, 2004, p.30.

⁵ SANTO AGOSTINHO, op. cit., L.III, c.12, n.21.

⁶ Ibid., L.V, c.8, n.15.

⁷ Ibid., L.VI, c.3, n.4.

⁸ Ibid., c.12, n.28.

⁹ Idem. *De moribus Ecclesiae Catholicae*. L.I, c.30, n.64.

¹⁰ Ibid., c.31, n.65.

¹¹ Ibid., n.68.

¹² ÁLVAREZ GÓMEZ, CMF, Jesús. *Historia de la vida religiosa*. Madrid: Instituto Teológico de Vida Religiosa, [s.d.], v.I, p.340.

¹³ TURBESSI apud GUTIÉRREZ, OSA, David. *Los agustinos en la Edad Media*. Roma: Institutum Historicum Ordinis Fratrum S. Augustini, 1980, p.17-18.

¹⁴ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Epistola LX*.

¹⁵ POSSIDIO. Vita Augustini, c.XI. In: SANTO AGOSTINHO. *Obras Completas*. 4.ed. Madrid: BAC, 1969, v.I, p.318.

¹⁶ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Sermo CCCLV*.

¹⁷ Idem. *Sermo CCCLVI*.

¹⁸ Cf. idem. *Epistola CCXI*.

¹⁹ GOBRY, op. cit., p.158.



Como tirar proveito das próprias faltas?

Guerra dos homens, descanso de Deus

Eis a cruel realidade com que nos deparamos em tantas ocasiões: o nosso aparente fracasso nas batalhas da vida espiritual. Mas haverá algum meio de aproveitá-lo?

✠ Diác. Gabriel Borges Bonfim Silva, EP



Não se assuste, caro leitor, com o título deste artigo. Não se assuste pois não pretendemos relembra-lo aqui dos conflitos de diversas naturezas que afligem nosso globo na atualidade... Não se assuste, porque não faremos nem a apologia da guerra, nem mesmo sua crítica. Não se assuste:

apenas tomaremos o encargo de lhe recordar que todo o homem nasceu guerreiro. Sim, guerreiro; como já desde os tempos patriarcais era assumido como evidência: “Não é, acaso, uma luta a vida do homem sobre a terra?” (Jó 7, 1).

Desde o instante em que o homem vê a luz e lança ao ar o primeiro vagido,

seu incipiente grito de guerra, até ao último gemido da luta final – pois *agonia* significa *combate*, em sua etimologia – está ele posto num enorme e complexo campo de batalha. Contudo, ao contrário das hostilidades a que estamos habituados, na peleja da vida não há fronteiras que nos garantam segurança e proteção, nem tratados de paz, nem tréguas, nem retaguarda, nem reservistas. Sobretudo, nunca se alcançará a vitória final e a paz definitiva... nesta terra.

De fato, por mais que o homem se torne desertor e abandone a batalha, a batalha não o abandonará; ainda que tenha decidido a levar uma vida reta – na prática dos Mandamentos da Lei de Deus e da virtude, portanto – as dificuldades não se calarão, as paixões clamarão, os medos o acompanharão; e se ele galgar os cumes da santidade, a pugna se intensificará, porque é nas montanhas que caem os raios.

O combate da vida espiritual – pois é desta guerra que tratamos – termina só com a morte corporal.



Com o progresso na vida espiritual, a batalha não abandonará o homem, antes se intensificará, pois é nas montanhas que caem os raios...

Tempestade sobre as Montanhas Brancas - Cordilheira dos Montes Apalaches (Estados Unidos); acima, Carga de cavalaria, por Josep Cusachs

O que fazer com as pedras do caminho?

Mas, se é verdade que não se pode alcançar uma vitória definitiva antes do Céu, está mais que comprovado que a derrota está sempre às portas; e muitas vezes as derruba... Eis a cruel realidade com que nos deparamos em tantas e tantas ocasiões: o fracasso.

Seria inútil, entretanto, discorrermos sobre nossos malogros, já que não são novidade para ninguém, e basta-nos, para disso ficarmos bem seguros, a prolixa experiência que os anos vão acumulando. O que, porém, torna-se deveras necessário é saber como evitá-los ou aproveitá-los.

Um exemplo clássico da espiritualidade pode nos indicar a pista de como realizar uma contraofensiva bem-sucedida. Vejamo-lo.

O grande problema para quem está em pé é a possibilidade de cair (cf. I Cor 10, 12), sobretudo tratando-se de alguém que caminha em terreno pedregoso. Entretanto, o viandante que tropeça e perde o equilíbrio vê-se obrigado a dar uma série de passos mais rápidos, a fim de recuperar a estabilidade e não sucumbir. Resultado: percorre mais caminho em menos tempo.

Algo análogo ocorre em nossa vida espiritual. Ela consiste numa larga caminhada com destino ao Céu, cuja rota é, não só um vale de lágrimas, como também uma estrada de “pedregulhos”. Contudo, graças a tais percalços, acabamos por acelerar a marcha e fazer progressos maiores: assim, aquele que resvala quanto à maledicência, se corre para não cair, passará a elogiar os demais; a pessoa que perde a paciência, engendrará táticas de mansidão para

não reincidir... De certo modo, essas contrariedades, quando não desperdiçadas, nos conferem um fortalecimento semelhante ao do osso fraturado que, depois da regeneração, torna-se ainda mais sólido no local lesionado.

Se não bastasse essa tonificação da alma, os reveses alicerçam mais profundamente a vida espiritual. A

humildade é a base de todas as virtudes, e a base da humildade são as humilhações; estas, porém, são melhores quando não escolhemos, de maneira que “é preciso que, para crescermos em humildade, sejamos feridos algumas vezes nesta batalha espiritual”.¹ Conscientes de nosso nada, temos todas as condições para nos voltarmos para Aquele que é Tudo e tudo pode.

Destarte, além de nos estugar o passo e premunir contra futuras quedas, essas “pedras” são-nos um lembrete contínuo de duas realidades que o homem gosta de esquecer: primeiro, somos fracos e nada conseguimos sozinhos... a não ser cair: “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5); segundo, tudo nos é possível desde que sustentados pela graça: “Tudo posso n’Aquele que me conforta” (Fl 4, 13).

Demos graças a Deus, pois, pelas dificuldades e obstáculos!

Que os mortos se levantem!

Que os tropeços na vida espiritual sejam aproveitáveis parece ter ficado claro. Mas nem sempre conseguimos recuperar o equilíbrio e permanecer de pé. Nesses momentos, haverá saída?

A solução é tão simples quanto óbvia: levantar-se.

“Se vos suceder cair em alguma falta”, aconselha São Francisco de Sales, “humilhai-vos e recomeçai, exatamente como se não tivésseis caído. A fraqueza não é um mal grande, desde que tenhais a grande coragem de vos levantar”.² E o insigne Doutor da Igreja não deixa de fora aqueles que têm a infelicidade, não só de cair, mas até de morrer espiritualmente ao ofender a Deus



Conscientes de nosso nada, temos todas as condições para nos voltarmos para Aquele que é Tudo e tudo pode

“Cristo e a mulher apanhada em adultério”, por Nicolas Colombel - Museu de Belas Artes de Rouen (França)

Nem sempre nós conseguimos recuperar o equilíbrio e permanecer de pé. Nesse momentos, haverá saída? A solução é simples e óbvia...



com o pecado mortal: “Algumas quedas em matéria grave, desde que não se queira estancar nelas nem adormecer no mal, não impedem os progressos que se tenham feito na vida espiritual; [...] recupera-se [tudo] com o primeiro arrependimento verdadeiro que se tenha desse pecado”.³

“Desde que não se queira estancar...” Logo, quem permanece muito tempo na inimizade com Deus, esse perdeu a oportunidade de voltar atrás? Haverá remédio para a morte prolongada? Na medicina espiritual – mais eficaz que a dos corpos –, sim: até para os mortos existe cura! De fato, embora os pecados mortais sejam tanto mais perniciosos à alma quanto mais tempo ela se conserve nesse lamentável estado, nem por isso se negará o perdão àquele que se ajoelha no confessionário com contrição.

Pior do que o pecado

Portanto, “se cairmos, antes perder tudo do que a coragem, a esperança e a firme resolução de lutar”.⁴ Caso contrário, a punhalada vibrada ao Sagrado Coração de Jesus será ainda mais profunda, como Ele mesmo explicou à mística espanhola Sóror

*“Se cairmos,
antes perder tudo
do que a coragem de
lutar”, pois há algo
no mundo pior do
que o pecado, e seu
nome é desânimo*

Josefa Menéndez: “Não é o pecado que mais fere o meu Coração. O que o despedaça é não quererem as almas refugiar-se em Mim depois de o terem cometido”.⁵

Ou seja, há algo no mundo pior do que o pecado, e seu nome é desânimo.

Ao nos derrubar pelo pecado, o demônio busca acima de tudo arrastar-nos para o abismo do desespero. Bem sabe ele que “a nossa salvação tem dois inimigos mortais: a presunção na inocência e o desespero depois da queda; mas este último é de longe o mais terrível”.⁶ Milênios de contínua prática lhe ensinaram que, se nos arranca o ímpeto e o ânimo, ganha a batalha. De fato, “nesta guerra em que estamos empenhados, temos de satisfazer uma única condição para sairmos sempre vencedores: que queiramos lutar”.⁷

Somos o que faltava no Paraíso

Já analisamos sumariamente quais são as melhores soluções para os copiosos percalços de nossa guerra cotidiana: tropeçando, correr; caindo, levantar; em qualquer situação, não desanimar! Mas não seria mais simples arrancar o problema pela raiz? Não seria melhor se não houvesse essa imensa “fábrica de tropeços” que são as tentações do demônio, do mundo e da carne? Não poderíamos ter a vida que se levava no Paraíso antes de a maldita Serpente aparecer?

O vida deliciosa a do homem antes do pecado!... Era servido pelas plantas e pelas feras, passeava por jardins sempre perfumados, colhia frutos cada dia mais saborosos, junto a lagos de cristal... No Paraíso havia tudo!

Tudo? “O Paraíso tinha tudo, exceto um herói”,⁸ afirmou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. Por isso a expulsão do Éden foi, mais do que um castigo, a promoção do homem ao estado de guerreiro, para que pudesse demonstrar a Deus um amor desinteressado, o qual só se revela na dor e na borrasca. Nesse sentido, ensina Santo Afonso Maria de Ligório que “a alma, estando em ócio,



Gustavo Kralj

“O Paraíso tinha tudo, exceto um herói”, afirmou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. Após a expulsão do Éden, o homem foi promovido ao estado de guerreiro

Expulsão de Adão e Eva do Paraíso - Catedral de Gloucester (Inglaterra)

sem tentações e sem combates, está em perigo de perder-se”.⁹ Em sério risco, a bem dizer, posto que ameaçada de se apegar a esta terra e de se olvidar da prática do mais importante – e esquecido – dos mandamentos: “Amarás o Senhor teu Deus [...] com toda a alma” (Dt 6, 5; Mt 22, 37).

Ainda bem que Deus é Deus e não estamos nós em seu lugar. Porque, se fôssemos o Criador, certamente teríamos idealizado um mundo diferente, no qual não existiria a possibilidade de errar, o sofrimento estaria abolido e o pecado não encontraria morada: um mundo, por conseguinte, incompleto.

Por que incompleto?

“E Deus descansou”

Remontemos, para responder a esta indagação, ao belíssimo relato da criação contido no Livro do Gênesis. Durante seis dias, surgiram as miríades e miríades de maravilhas com as quais a Divina Onipotência Se dignou ornar o universo. Ao cabo desse período, “Deus contemplou a sua obra, e viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 31). Só então descansou.

Santo Ambrósio, comentando tão sublime trecho, aclara a razão de que tal repouso se desse apenas no sétimo dia: Deus “criou o céu e não leio que descansasse; criou a terra e não leio que descansasse; criou o sol, a lua e as estrelas e nem sequer então leio que descansasse; mas leio que criou o homem



Temos motivos para desanimar? “Por muito miseráveis que sejamos, não o somos tanto quanto Deus é misericordioso”, asseverou São Francisco de Sales

O retorno do filho pródigo - Catedral São João Batista, Charleston (Estados Unidos)

e que nesse momento descansou, ao ter um ser a quem perdoar os pecados”.¹⁰ O Senhor descansa perdoadando.

Não seria completo o universo criado se o Altíssimo não tivesse a oportunidade de nele espelhar todos os seus atributos, de modo especial sua misericórdia e seu perdão, nos quais brilha sobremaneira seu poder, já que “a onipotência de Deus se manifesta sobretudo perdoadando

e praticando a misericórdia”.¹¹ Ora, esses inefabilíssimos predicados divinos não se patenteariam se o homem não fosse um ser errante e capaz de pedir perdão. Logo, as tentações e suas consequências – que nós erradicaríamos sem pena do “nosso paraíso” –, são a sombra indispensável que exerce a função de contraste estético na obra de arte da criação: tornam ainda mais brilhante a inocência da alma fiel e realçam o resplendor daquela que foi perdoada.

Assim sendo, que motivos nos poderiam levar a desconfiar da misericórdia divina e a desanimar?

Os tropeços? Mas, se eles nos aproximam do Céu a passos mais velozes, por que motivo nos entristecemos?

O pecado? Mas, se Deus não hesitou em modelar a humanidade com a possibilidade de pecar, vacilará no momento do perdão, sendo que para concedê-lo viveu entre nós e por nós morreu?

O próprio desânimo? Se é nossa Mãe a própria Mãe de Deus, será possível perder a coragem de voltar à casa paterna? Será possível duvidar do perdão?

Não serão as dificuldades, não serão as quedas, não serão os pecados que nos farão desconfiar e perder o ânimo, “porque por muito miseráveis que sejamos, não o somos tanto quanto Deus é misericordioso com os que têm vontade de amá-Lo e n’Ele puseram toda a sua esperança”.¹² ✠

¹ SÃO FRANCISCO DE SALES, apud TISSOT, Joseph. *A arte de aproveitar as próprias faltas*. 3.ed. São Paulo: Quadrante, 2003, p.45.

² Ibid., p.40.

³ Ibid., p.46.

⁴ Ibid., p.40.

⁵ MENÉNDEZ, RSCJ, Josefa. *Apelo ao amor*. Belo Horizonte: Divina Misericórdia, 2018, p.322.

⁶ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, apud TISSOT, op. cit., p.36.

⁷ SÃO FRANCISCO DE SALES, op. cit., p.45.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 21/9/1985.

⁹ SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *A prática do amor a Jesus Cristo*. São Paulo: Cultor de Livros, 2021, p.185.

¹⁰ SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. *Los seis días de la creación. Hexamerón*. Madrid: Ciudad Nueva, 2011, p.338.

¹¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.25, a.3, ad 3.

¹² SÃO FRANCISCO DE SALES, op. cit., p.47.



Um maternal aviso

Rue du Bac, La Salette, Lourdes, Fátima...
Cimbres? Sim, também no sertão do Brasil quis a Santíssima Virgem alertar seus filhos sobre os perigos que os ameaçavam e lhes indicar as vias para a salvação.

✠ Jean Pedro Antunes Galdino



No Brasil de 1936 se “vivía a Revolução de 1930 e a ameaça do comunismo”;¹ conforme sintetizou o atual Bispo de Pesqueira (PE), Dom José Luiz Ferreira Salles, CSsR. Naquela ocasião, terríveis cangaceiros percorriam o sertão pernambucano rumo à Paraíba. Por onde passavam, deixavam um rastro de crimes e perversidades os mais reprováveis. A vila de Cimbres, localizada na Serra de Ororubá e pertencente à mesma Diocese de Pesqueira, constituiu o cenário de alguns desses acontecimentos. É nessa região escondida nos rincões do Nordeste brasileiro que nossa história começou...

“Mariofania” em terras brasileiras

Havia ali um sítio chamado Guarda. Durante aquele tempo funesto, o Sr. Artur Teixeira de Carvalho, que lá residia, costumava procurar abrigo entre os rochedos e rezar ao ar livre com sua esposa, Da. Auta, e toda a prole, junto a uma estampa da Santíssima Virgem cuidadosamente adornada com flores, pedindo sua maternal proteção. Em princípios de junho de 1936, os cangaceiros retornaram àquela terra, mas a família permaneceu ilesa.

Na manhã do dia 6 de agosto, quando em todo o orbe se comemorava a festa da Transfiguração do Senhor, Da. Auta pediu à filha Maria da Luz, de treze

anos, que fosse colher mamonas no sítio acompanhada de Maria da Conceição, uma adolescente amiga de dezesseis anos, hóspede da família. Pelo caminho, as jovens se perguntaram o que fariam se os cangaceiros do chefe Lampião novamente aparecessem. Maria da Luz não hesitou em responder que agiria da mesma forma como antes: rezaria à boa Mãe do Céu, e estava certa de que Ela haveria de defendê-las. Tendo dito isso, levantou

as vistas para o rochedo, atraída por uma luz de incomparável brilho e beleza.

— Parece que lá está Ela, para já nos proteger! — exclamou a pequena para sua companheira, que também via a figura luminosa.

Do que se tratava? De uma nova transfiguração, não mais no monte Tabor, mas nos rochedos de Cimbres. Sim, era uma “mariofania” em terras brasileiras! Do Céu descera a Estrela da Manhã e, no contato com aquelas jovens, fez suas almas brilharem como astros: formavam elas as “Três Marias”, não mais a de Mágdala ou a de Cléofas, como nararam os Evangelhos, e sim a “da Luz” e a “da Conceição”; a terceira permanecia a mesma, Maria de Nazaré, a Santíssima Virgem, que ali Se manifestava.

A primeira a descobrir o ocorrido foi Da. Auta, que arrancou das videntes a informação e, após um primeiro movimento de incredulidade, acabou acreditando no relato. O mesmo, porém, não se pode afirmar do resto da família, que discutiu acaloradamente com as adolescentes para dissuadi-las de divulgar a aparição. De qualquer modo, como sói acontecer, logo a novidade espalhou-se por toda a região e vãs foram as tentativas de silenciar tais acontecimentos.

Preocupado, o Sr. Artur procurou a orientação do Bispo local, Dom Adalberto Accioli, que incumbiu seu secretário,



Pelo caminho do sítio, as duas jovens puderam testemunhar uma “mariofania” em terras brasileiras

Maria da Conceição e Maria da Luz; acima, Nossa Senhora das Graças

o sacerdote alemão José Kehrle, de investigar o caso, encargo desempenhado com zelo e piedade. Mais tarde, o investigador *ad hoc* Pe. José, junto com Frei Estevam Roettger, OFM, deram “parecer favorável sobre os eventos e o atestado de sua veracidade”.²

Um interrogatório em alemão

Após conversar longamente com o pai de Maria da Luz, e indagar a própria menina sobre o acontecido em Cimbres, Pe. José deu um par de diretrizes ao Sr. Artur e lhe transmitiu por escrito algumas perguntas que a jovem deveria fazer à “Santa”, como A chamavam. Quando Ela foi questionada acerca de sua identidade, respondeu: “Eu sou a Graça”. As aparições continuaram durante todo o mês de agosto.

Pe. José decidiu verificar os dados pessoalmente. Ao chegar ao local das aparições, no dia 20 de agosto, ordenou ao Sr. Artur que levasse Maria da Conceição um pouco mais longe, enquanto ele ficaria ali com a outra menina, de modo que a distância as permitisse apenas o contato visual, mas não o auditivo.

O sacerdote alemão indagou então à jovem sobre o que via. Ela descreveu a aparição como semelhante à imagem de Nossa Senhora do Carmo, mas com manto azul e vestido de um branco creme, além de possuir uma faixa. No colo, à esquerda, segurava um Menino, o qual, por sua vez, lhe envolvia o pescoço com o bracinho direito. Ambos ostentavam coroas lindíssimas.

O sacerdote fez um sinal ao Sr. Artur, a fim de que invertesse a posição das custodiadas. Estando com Maria da Conceição, apontou um local distinto e afirmou que lá sua amiga contemplara a “Imagem” – outro nome com que designavam Nossa Senhora. A pequena respondeu quase chorando que ela não A via lá e sim bem no meio da pedra; de fato, a informação coincidia. Questionada sobre os detalhes da aparição, a jovem descreveu-a exatamente como a sua amiga!

Num dado momento, Pe. José pediu que pai e filha se aproximassem e passou a formular diversas perguntas, como, por exemplo, se ele podia conversar com Nossa Senhora em língua estrangeira, ao que a Virgem respondeu afirmativamente. Começou então a interrogá-La em alemão, enquanto as meninas transmitiam a resposta em português. Não é preciso dizer que o idioma de Goethe era totalmente desconhecido para elas; entretanto, todas as afirmações foram lógicas e coerentes:



O investigador interrogava a Virgem em alemão, enquanto as meninas transmitiam a resposta d'Ela em português

Pe. José Kehrle

A Imagem é uma alma ou é Nossa Senhora? Sou a Mãe do Céu.

Tu és *Mater Divinæ Gratiae*? Sim.

Qual é o nome do Menino que tens no braço? Jesus.

Por que estás aqui? Foi Jesus que Me colocou.

Para quê? Para dizer: hão de chegar tempos sérios!

Sempre nesse inusitado sistema, o inquisidor descobriu que Nossa Senhora Se manifestara para alertar a nação acerca do comunismo, o qual entraria no Brasil caso não se fizesse penitência. As consequências seriam semelhantes às da Guerra Civil Espanhola, que se iniciava naquele mesmo ano. Muito sangue

haveria de correr, mas a Igreja não seria vencida! Nossa Senhora pedia que se propagasse a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Ela. Queria que as aparições fossem divulgadas e que os pregadores falassem desse assunto às ovelhas do rebanho de Cristo no país. Comunicou, afinal, que desejava ser ali invocada como Nossa Senhora das Graças.

O sacerdote deixou transparecer a Maria Santíssima que as autoridades não iriam gostar daquela mensagem e tampouco acatá-la. A Virgem nada respondeu... De fato, houve não só ceticismo em relação ao caso do sítio Guarda, como também uma terrível investida para seu silenciamento, inclusive com recurso a forças policiais, em desfavor dos envolvidos. O pai de Maria da Luz chegou a ser detido.

Provas do zelo de uma Mãe carinhosa

Para confirmar ainda mais a mensagem celeste, Nossa Senhora fez brotar, logo nos primeiros dias das manifestações em Cimbres, uma fonte milagrosa pouco abaixo da pedra onde era vista. Até hoje da rocha emana água com capacidades curativas, conforme promessa da Mãe do Céu.

Curioso o fato de a Virgem Maria ter querido aparecer na Terra de Santa Cruz, em um longínquo rochedo, para alertar o mesmo que diversas vezes já havia anunciado em outras aparições, como em Fátima, por exemplo.

O Brasil nasceu tarde para a luz da Civilização Cristã; apesar dos cinco séculos de existência, é ainda criança em comparação com as grandes nações europeias que nos precederam na Fé, e em cujo solo brilham as glórias de um passado repleto de heroísmo. Ora, não é verdade que as crianças precisam de uma atenção especial da Mãe?

Cimbres: caso isolado?

De fato, muitas foram as mostras desse desvelo materno. Na primeira metade do século XX, registraram-se

notícias de algumas “mariofânicas” em solo brasileiro, que fazem alusão ou se relacionam com Cimbres.

No Rio Grande do Sul, num lugarejo próximo à cidade de Passo Fundo chamado Leitão, deu-se em 1944 mais de uma dezena de aparições de Nossa Senhora do Rosário a uma camponesa de vinte anos. Maria Santíssima repetiu-lhe a mensagem de Fátima sobre seu desagrado com as modas imorais e, como no sítio Guarda, preconizou o castigo que estava para cair sobre o Brasil se o povo não rezasse e fizesse penitência. Ainda mais impressionante foi a resposta dada pela Virgem do Rosário à pergunta de se não deixaria ali uma fonte: “Quando apareci em Pernambuco deixei lá uma fonte na rocha, mas como não fui acolhida, de lá Me afastei!” Ora, não parece que a humilde moça gaúcha tivesse notícia da fonte milagrosa em Cimbres; nem mesmo o sacerdote que a interrogou, e que por acaso era natural de Pesqueira, sabia desse detalhe!³

Perto do sítio Guarda, em Lagadiço, ergue-se o Monte de Nossa Senhora, onde em 1937 novamente se deram aparições a quatro crianças, com mensagens idênticas às registradas pelo Pe. Kehrle e às do Rio Grande do Sul. Um dos videntes, José, de doze anos, esteve também no sítio Guarda numa romaria com sua mãe, e disse ter visto Nossa Senhora ao mesmo tempo que as duas meninas, ao passo que Maria da Luz esteve em Lagadiço e lá viu a Virgem Santíssima. Nesta ocasião a bondosa Mãe confirmou sua manifestação em ambos os locais e disse com muito carinho:



Arquivo Revista

O maior atestado de autenticidade das aparições está no “sensus fidei” de cada devoto de Maria Santíssima

Missa no local das aparições em Cimbres (PE)

— Sabes por que falei tão claramente aqui nesta terra? É porque acho no meu povo muito pouca crença e porque ando procurando a conversão de todos os pecadores e a salvação de todo o meu querido povo brasileiro!

Com que acerto essas mesmas palavras poderiam aplicar-se a todas as nações da terra! Quantos países não foram agraciados com aparições discretas, mas profundas, como as de Cimbres? De outra parte, quão apegunhada se encontra a fé entre os homens... Não só o Brasil, mas a humanidade inteira precisa de conversão.

O maior atestado de autenticidade

Passados alguns anos Maria da Luz tornou-se religiosa, assumindo o nome de Ir. Adélia, no Instituto das Religiosas da Instrução Cristã, em Recife. Graças ao zelo dessas irmãs, toda a documentação investigativa do Pe. José Kehrle sobre as aparições foi conservada e, posterior-

mente, organizada com louvável esforço e publicada pela pesquisadora Ana Lúcia Lira.⁴

Em 2021, Dom José Salles emitiu um juízo sobre os acontecimentos de Cimbres. Antes de tudo, garante “a constatação, após cuidadoso exame da documentação existente, que as mensagens relacionadas aos eventos da Aldeia Guarda estão em consonância com a Fé cristã. Desde a primeira averiguação, contemporânea aos acontecimentos, e minuciosamente documentada, constata-se que o conteúdo das mensagens não contradiz as verdades contidas nas Sagradas Escrituras e na doutrina da Santa Igreja Católica Apostólica Romana”.⁵

Ademais, o Bispo local testemunha relatos de graças alcançadas e milagres e notável incremento da devoção dos fiéis à Mãe de Deus, bem como a comprovada retidão de vida de ambas as videntes. Ir. Adélia, falecida em 2013, foi declarada Serva de Deus e atualmente está em processo de beatificação.

Entretanto, a resolução de escrever o presente artigo não nasceu pela leitura acerca das aparições em Cimbres. O autor destas linhas teve a oportunidade de vivenciar as graças derramadas no local, quando passou como missionário em Pernambuco e ouviu a história dos lábios dos próprios habitantes da região. Mais do que quaisquer documentos históricos ou investigativos, o maior atestado de autenticidade dessas manifestações no sertão nordestino está sobretudo no *sensus fidei* – o sentido de fé – de cada devoto de Maria Santíssima, que ali experimenta seu afeto maternal. ✦

¹ SALLES, CSsR, José Luiz Ferreira. *Segunda Carta Pastoral. A Diocese de Pesqueira e as presumíveis aparições de Nossa Senhora da Graça*. Pesqueira: [s.n.], 2021, p.28.

² Ibid., p.8-9.

³ As duas videntes de Cimbres e o Pe. José Kehrle tiveram de guardar silêncio sobre o ocorrido por cerca de cinquenta

anos. Foi durante este período que se deram as aparições no Rio Grande do Sul.

⁴ LIRA, Ana Lúcia. *O diário do silêncio. O alerta da Virgem*

Maria contra o comunismo no Brasil. 4.ed. Campinas: Ecclesiæ, 2018.

⁵ SALLES, op. cit., p.37.

...como surgiu o costume de usar velas para a Missa?

No ano 64 desencadeou-se a primeira grande perseguição contra os cristãos. Quem professasse a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo poderia ser lançado às feras em arenas, queimado vivo nos jardins imperiais, assassinado nas ruas ou crucificado para divertimento do populacho.

A Igreja passou então a refugiar-se nas entranhas da terra, em catacumbas escavadas para cadáveres e para tudo aquilo que devia ser escondido da luz do dia. Mas, afinal, eram os únicos lugares relativamente seguros nos quais os fiéis podiam sepultar os mártires e reunir-se para rezar. Nesses subterrâneos tenebrosos, os católicos assistiam à renovação do Santo Sacrifício alumados por lâmpadas de azeite e velas de cera.

As luzes costumavam ser colocadas no solo, aos pés do altar, estendendo-se essa prática litúrgica provavelmente por toda a Alta Idade Média, quando, por volta da primeira metade do século XI, os candelabros passaram a ser colocados sobre a própria mesa sagrada. Até hoje se prescreve que ao menos duas velas iluminem o altar durante a Missa, podendo chegar até sete, caso o Bispo Diocesano seja o celebrante (cf. *Instrução geral do Missal Romano*, n.117).

Além de simbolizar Cristo, Luz do mundo, e o fogo da caridade que Ele acende em nós pela sua graça, as chamas recordam que a Santa Igreja alvoreceu sob a terra, entre os corpos dos mártires e o ardor da fé dos católicos perseguidos. ✦



Leandro Souza

Altar do Oratório Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Juiz de Fora (MG)

...que, antes de ser descoberto, o Brasil já estava dedicado a Maria?

Corria o ano de 1494. O Tratado de Tordesilhas dividia o orbe – tanto descoberto quanto por descobrir – em duas partes, assegurando a Portugal e Espanha determinadas áreas de exploração e dando início não só à conquista, mas também à evangelização do Novo Mundo.

Em novembro de 1499, o experiente navegador Vicente Yáñez Pinzón – o qual, anos antes, comandara a caravela *Niña* na primeira expedição de Colombo (1492) – partia da Espanha ao comando de uma frota de quatro naus. A

audaz travessia rumo ao sul alcançou por primeira vez a América Meridional.

Após enfrentar forte tempestade, em 26 de janeiro de 1500, Pinzón aportou num ponto da costa nordeste do Brasil – os historiadores identificam como o Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, ou a Ponta do Mucuripe, no Ceará –, ao qual deu o nome de *Santa Maria da Consolação*. De todos os modos, consciente de que eram terras alheias ao domínio espanhol na divisão das Tordesilhas, a frota rumou para o norte, passando pelo estuário do Rio

Amazonas – ao qual Yáñez denominou *Santa Maria do Mar Doce* – até alcançar o ponto extremo da orla brasileira, junto à foz do Rio Oiapoque. Mais tarde, a expedição partiu para o Caribe.

Embora a historiografia oficial reserve o título de descobridor do Brasil a Pedro Álvares Cabral, cuja armada aportou no litoral baiano em 22 de abril de 1500, o feito de Pinzón permanece um capítulo fascinante da História. Seja como for, é fato que o país esteve sempre sob o olhar materno da Virgem Santa Maria. ✦

Nascer do sol no delta do Rio Amazonas

Fotos: Lúcio Alves



Rio de Janeiro – O maior navio de guerra da América Latina, o Atlântico, e seu pessoal de bordo foram consagrados ao Imaculado Coração de Maria no dia 28 de maio, durante uma Santa Missa celebrada dentro da embarcação, ancorada no Arsenal da Marinha, do Rio de Janeiro.

Fotos: Renata Cruz



São Carlos (SP) – Nos dias 30 e 31 de maio, foi realizada uma abençoada missão mariana na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Além da visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria às residências, houve procissão luminosa pelas ruas da cidade e Celebração Eucarística.

Fotos: Delvíd Lima



Bragança Paulista (SP) – Clérigos e cooperadores dos Arautos do Evangelho visitaram os enfermos do Hospital Universitário São Francisco, no dia 19 de junho, levando-lhes os Sacramentos e bênçãos da Santa Igreja, bem como o consolo da presença materna da Santíssima Virgem.



Em louvor a Jesus Eucarístico

Festivas Eucarístias e concorridas procissões marcaram a Solenidade de Corpus Christi em locais de atuação dos Arautos do Evangelho. Nas fotos abaixo, destacamos as cerimônias realizadas na Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Cotia (SP); na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Franco da Rocha (SP); e nos oratórios dos Arautos nas cidades de Maringá (PR) e São Carlos (SP); bem como na Catedral de

Assunção, com a presença do Cardeal Adalberto Martínez Flores, Arcebispo Metropolitano, na Basílica Nossa Senhora dos Milagres de Caacupé, com a presença de Dom Ricardo Jorge Valenzuela Ríos, Bispo Diocesano, e na Paróquia Santo Isidoro Lavrador em Limpio, paróquia recentemente confiada aos Arautos no Paraguai; e na Escola de Oficiais da Força Aérea do Peru, Base Aérea de Las Palmas, em Lima.



Maringá (PR)

Maria Fernanda Aguiar



Cotia (SP)

Emerson Júnior



Caacupé (Paraguai)

Francisco Espinola



Limpio (Paraguai)

Fátima Panlagua



Assunção

José Carlos Centurión



Franco da Rocha (SP)

David Ayusso



São Carlos (SP)

Sérgio Mantim



Lima

Jano Aracena



Álvaro Sánchez



Preeham D'Silva



Álvaro Sánchez

Paraguai – Aos acordes dos músicos dos Arautos do Evangelho no país, transcorreu a cerimônia de início das obras do monumento de Nossa Senhora da Assunção, na capital paraguaia, que contou com a presença do Cardeal Adalberto Martínez Flores, Arcebispo Metropolitano, de Dom Vincenzo Turturro, Nuncio Apostólico no Paraguai, do Presidente da República, Santiago Peña Palacios, e de membros do gabinete presidencial (foto 1). No mês de maio, membros da instituição animaram as comemorações dos padroeiros da Paróquia Sagrados Corações de Jesus e Maria (foto 2) e da Paróquia Espírito Santo (foto 3), em Assunção.

Roberto Salas



Fotos Mariana Viccari

Guatemala – No dia 27 de maio foi realizado mais um jantar beneficente em prol da construção do oratório dos Arautos em San José Pinula, o qual contou com a presença de Dom Francisco Montecillo Padilla, Nuncio Apostólico no país (foto 1). No mesmo mês, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou o Colégio Santa Maria de Montesclaros (foto 2) e o Hospital Unicar (foto 3), ambos na Cidade da Guatemala.

Eduardo Corpeño



Pablo Verdugo

Equador – Durante o mês de maio, a Virgem de Fátima derramou suas bênçãos no Encontro Arquidiocesano de Coroinhas (foto 1) e na Unidade Educativa Jacarandá (foto 2), em Guayaquil. No mesmo período, treze crianças fizeram a sua Primeira Comunhão na Igreja Santa Maria do Vergel, em Cuenca (foto 3).



Mateo Pelaez



Hugo Alves

Espanha – Os Arautos do Evangelho realizaram diversas apresentações musicais na Espanha. Os concertos tiveram lugar na Real Basílica de São Francisco, o Grande (foto 1), na Igreja São Firmino dos Navarros (foto 2) e na Igreja Colegiada de Santo Isidoro, durante a cerimônia do primeiro sábado de mês (foto 3), em Madri; bem como no município de Cuarte de Huerva, Província de Saragoça (foto 4). Estando na capital espanhola, os Arautos puderam saudar o Papa Leão XIV em sua viagem apostólica (foto 5).



Alain Patrick

Itália – No dia 27 de maio, os Arautos estiveram a cargo da vigília de orações e Liturgia da novena a Nossa Senhora da Carta, padroeira de Messina (foto 1). No mesmo mês, houve uma missão mariana na Paróquia São Nicolau, em Squillace Lido (foto 2), e, por ocasião da visita das relíquias de Santa Bernadette Soubirous à Igreja de São Salvador, foi realizada uma procissão em honra a Nossa Senhora de Lourdes em Veneza, com a presença de Dom Edoardo Aldo Cerrato, CO, Bispo Emérito de Ivrea (foto 3).



Sergio Holmann

Cid Campeador - Burgos (Espanha)

Heróis, de verdade

✎ Santiago Vieto Rodríguez



Nos remotos tempos em que “a filosofia do Evangelho governava os estados”,¹ surgiu um ideal supremo, envolto nos esplendores do mito e encarnado em varões e damas que, com virtudes e epopeias, escreveram algumas das mais belas páginas da História. Benditos dias, em que os meninos cresciam sob o encanto de maravilhosas histórias de guerreiros que partiam para longínquas terras, dispostos a sacrificar a vida em defesa dos mais fracos, lutando inclusive contra terríveis dragões.²

Para a mentalidade moderna, materialista em extremo, *mítico* seria sinônimo de *falso*. Do mesmo modo, devido à crescente incapacidade de compreender a linguagem simbólica, hoje costuma-se associar o vocábulo *fantasia* a um confuso conglomerado de imagens e tramas, num contexto frequentemente gnóstico, lascivo, egocêntrico e desconectado da realidade.

Entretanto, é preciso considerar que os antigos viviam imersos num ambiente intrinsecamente religioso, cheio de símbolos que, conforme comentário de Dr. Plínio,³ são tanto mais artísticos quanto mais exprimem o fundo da realidade, distanciando-se ao mesmo tempo das aparências desta.

Tratava-se de um mundo em que a poesia⁴ tinha um papel muito mais central do que se possa imaginar e, como fruto da contemplação de esferas superiores, desenvolvia-se nas mais variadas expressões artísticas, as quais, no âmbito da linguagem, formavam os mitos e as lendas. Estes eram verdadeiras parábolas vinculadas diretamente a

realidades tanto espirituais quanto materiais – em sentido histórico, moral ou puramente metafísico –, interpretáveis a partir de diferentes perspectivas e com diversas aplicações, inclusive práticas,⁵ em alguns casos servindo de veículo para recordar a primavera da inocência infantil.

Ao deixar para trás as sombras do paganismo, coube aos bardos – poetas épicos de outrora – enriquecer o imaginário da Cristandade nascente, difundindo a luz de sublimes figuras, como a de Carlos Magno e seus doze pares. E a Santa Igreja não tardou a elevar à honra dos altares aqueles que – fiéis ao espírito da autêntica cavalaria – abraçaram o sacrifício de si mesmos até às últimas consequências.

Assim, atingindo um ápice de sublimidade, resplandeceu na mesma frente a coroa terrena junto com o diadema das mais excelsas virtudes, e aos votos do religioso somou-se o de nunca recuar no campo de batalha.⁶ Corporificando a lenda e superando toda ficção, resplandeceram as Ordens de Cavalaria, ao lado de figuras como as de um São Luís rei de França, de um Cid Campeador, de uma Santa Joana d’Arc e de tantos outros!

O ideal do verdadeiro heroísmo concretizou-se num código de cavalaria que, fundamentado na Fé Católica, assumiu como objetivo supremo o dever de lutar pela glória de Deus. Em consequência, do sagrado espírito que daí emanava surgiram cerimônias num requinte de arte nunca antes alcançado, impregnando todas as camadas sociais

Desde a mais remota Antiguidade, há uma relação de correspondência entre a moralidade das civilizações e seus mitos. Que modelos são exaltados em nossa sociedade como ponto de referência para as novas gerações?



Arquivo Revista

São Luís Rei - Catedral a ele dedicada em Blois (França); no canto inferior da página, “Cristo em majestade”, por Niccolò di Pietro Gerini - Antiga Pinacoteca, Munique (Alemanha)

e repercutindo durante os séculos posteriores em todos aqueles que reivindicavam um título de nobreza.⁷

Mas... ao soprar os primeiros ventos do Humanismo, o desejo de lutar em favor da Santa Igreja e do bem comum foi manchado por finalidades românticas, cada vez mais egoístas,

levando a cavalaria a um triste ocaso. Apesar disso, até pouco tempo atrás era qualificado de *cavaleiro* quem – numa vaga reminiscência de sua verdadeira origem – aliava em si a força à delicadeza, manifestando um trato cordial e requintado, próprio do varão de fé.

* * *

Desde a mais remota Antiguidade, há uma relação de correspondência entre a moralidade das civilizações e seus mitos, pois estes representam, por vezes de modo hipertrofiado, o objeto de sua admiração e, em consequência, as mais ousadas aspirações, temores e tendências da alma humana. Consciente desta realidade, afirmava o sábio romano Sêneca: “Longo é o caminho do ensino por meio de teorias; curto e eficaz, por meio de exemplos”.⁸

... o que resta desses arquétipos hoje em dia? Que modelos são exaltados em nossa sociedade como ponto de referência para as novas gerações? Em nosso mundo neopagão e globalizado, os meios de comunicação e as diversões massivas aproveitaram-se do fenômeno psicoespiritual da imitação para promover ideologias, tipos humanos e costumes cada vez mais apartados do *modus vivendi* cristão. Cabe a cada um perguntar-se: Por quais exemplos me deixo influenciar? A que ti-

pos humanos dou permissão para manipular meus filhos, tão susceptíveis a essas impressões? Quais são, enfim, seus heróis?

* * *

Christianus alter Christus: o arquétipo absoluto de todo ser humano não é outro senão Deus feito Homem. Junto a Nosso Senhor, figuram também como modelos os que se configuram plenamente com Ele.

Os verdadeiros heróis são, portanto, aqueles que imitaram o Cavaleiro por excelência, Jesus Cristo crucificado, vencedor das trevas, da morte e do pecado. Somente o sublime e incomparável ideal de santidade pode forjar uma sociedade da qual surjam almas sedentas de imitar o Redentor, participando assim do único heroísmo autêntico: o heroísmo da Cruz. ✠



Francisco Lencinas

¹ LEÃO XIII. *Immortale Dei*, n.9.

² O dragão era considerado uma manifestação do mal, concepção com fundamento bíblico. Encontramos exemplo disso no poema épico do herói escandinavo *Beowulf* ou em lendas protagonizadas pelos Santos, como a luta de São Jorge contra o dragão, simbolizando o triunfo do Cristianismo sobre o paganismo.

³ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Símbolos, fantasia e realidade. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano IV. N.42 (set., 2001), p.34.

⁴ A palavra poesia provém do latim *poesis*, e esta, por sua vez, do grego *ποίησις* (*poiesis*), que significa *criação* ou *produção*.

⁵ Ver o livro: BUCKLOW, Spike. *The Alchemy of Paint*. London: Marion

Boyars, 2009. Nele se explica como as receitas de pigmentos medievais, sem deixar de ser inteiramente práticas, só podem ser compreendidas a partir de uma cosmovisão mítica da realidade, proveniente do pensamento tradicional.

⁶ Como foi o caso de alguns membros de antigas Ordens de Cavalaria.

⁷ Exemplo claro disto é a Armaria Heráldica, que não foi privilégio dos nobres, pois seu uso estendeu-se aos mais simples ofícios, acessível a quem quisesse.

⁸ SÊNECA, Lúcio Aneu. *Ad Lucilium epistolae morales*, VI, 5.



Plenitude de amor que A levou ao Céu

Uma tal plenitude de glória iluminou seu rosto que quase não se podia mais distinguir sua fisionomia da luz de Deus. Seu Coração se dilatou tanto de amor que o corpo não resistiu... Um êxtase A levou à eternidade e Ela adormeceu no Senhor. [...]

A passagem do estado padecente para o glorioso não significou para Maria Imaculada uma ruptura dilacerante em seu ser, como ocorre ao comum dos homens.

Desde seu nascimento Ela possuía um constante e intenso trato com os espíritos angélicos, e mais acentuado ainda se mani-

festou o convívio com seu Filho, o Verbo Encarnado, o qual jamais cessou, mesmo após a Ascensão.

Conforme os anos transcorriam, novos universos de graças e dons resplandeciam em sua alma, pois seu conhecimento e seu amor a Deus, embora fossem sempre plenos, eram passíveis de crescimento. Em certo momento a fé cedeu lugar à visão, e Ela subiu aos Céus pleníssima de virtudes e de glória; em suma, pleníssima da Santíssima Trindade.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP